

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

RENATA DE OLIVEIRA FERREIRA

***A DEMANDA DO SANTO GRAAL E A BATALHA DE OLIVEIROS COM
FERRABRAZ: SEMELHANÇAS E DESSEMELHANÇAS ENTRE
O CAVALEIRO MEDIEVAL E O CAVALEIRO DO SERTÃO***

Rio de Janeiro

2024

RENATA DE OLIVEIRA FERREIRA

***A DEMANDA DO SANTO GRAAL E A BATALHA DE OLIVEIROS COM
FERRABRAZ: SEMELHANÇAS E DESSEMELHANÇAS ENTRE
O CAVALEIRO MEDIEVAL E O CAVALEIRO DO SERTÃO***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro como exigência para a obtenção do título de Licenciada em Letras/Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Alexandre de Carvalho Xavier

Rio de Janeiro
2024

CIP - Catalogação na Publicação

D32d DE OLIVEIRA FERREIRA, RENATA
A DEMANDA DO SANTO GRAAL E A BATALHA DE
OLIVEIROS COM FERRABRAZ: SEMELHANÇAS E
DESSEMELHANÇAS ENTRE O CAVALEIRO MEDIEVAL E O
CAVALEIRO DO SERTÃO / RENATA DE OLIVEIRA FERREIRA.
- Rio de Janeiro, 2024.
66 f.

Orientador: Prof. Dr. RODRIGO ALEXANDRE DE
CARVALHO XAVIER .
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português -
Literaturas, 2024.

1. Imaginário. 2. Semelhanças e Dessemelhanças.
3. Processo de Híbridação Cultural. I. ALEXANDRE
DE CARVALHO XAVIER , Prof. Dr. RODRIGO, orient. II.
Título.

RENATA DE OLIVEIRA FERREIRA

*A DEMANDA DO SANTO GRAAL E A BATALHA DE OLIVEIROS COM
FERRABRAZ: SEMELHANÇAS E DESSEMELHANÇAS ENTRE
O CAVALEIRO MEDIEVAL E O CAVALEIRO DO SERTÃO*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Letras da Universidade Federal do
Rio de Janeiro como exigência para a obtenção do
título de Licenciada em Letras/Literaturas de
Língua Portuguesa.

Aprovado em:

Prof. Dr. Rodrigo Alexandre de Carvalho Xavier
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Ao Senhor Jesus por renovar minhas forças e permitir chegar aqui. Aos “Adonais” Beatriz, Nathália e Matheus, meus filhos, minhas bênçãos.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus agradeço pela vida e pelo refrigério nos momentos difíceis. Aos meus pais por acreditarem nos meus sonhos e aos meus avós que, em minha tenra idade, enriqueceram minha memória com tão doces lembranças... Ao meu orientador, Professor Rodrigo Xavier, pela paciência e comprometimento na condução deste trabalho. Além do meu agradecimento, tem minha admiração por seu profissionalismo.

RESUMO

O propósito deste estudo é desenvolver uma análise comparativa entre a novela de cavalaria *A Demanda do Santo Graal* (1988, edição de Heitor Megale) e o poema da literatura de cordel nordestina, intitulado *A Batalha de Oliveiros com Ferrabraz*, de Leandro Gomes de Barros (Barros, 1933). A partir do imaginário dessas obras, as semelhanças e dessemelhanças apontarão a influência dos povos ibéricos do período do medievo europeu na ressignificação de um Nordeste que outrora apresentava um sertão, lugar devastado pela fome e pela miséria, e homens valentes, representados pelo cangaceiro e pelo vaqueiro, ambos heróis populares e arquétipos dos guerreiros medievais. Pretende-se projetar os mitos, Galaaz, que remete o Rei Arthur e os Cavaleiros da Távola Redonda na busca pelo Cálice Sagrado; e Oliveiros, leal ao Imperador Carlos Magno e integrante dos Doze Pares de França, para compreender o regresso ao imaginário na contemporaneidade, por meio do contexto extraído da épica europeia pelos poetas da literatura de cordel, com o objetivo de esboçar um “possível” contorno identitário do nordestino que, como um espiral ascendente e ininterrupto, absorveu dinamicamente as multifacetadas do processo de hibridação cultural entre colonizadores e colonizados.

Palavras-chave: Imaginário; Semelhanças e Dessemelhanças; Processo de Hibridação Cultural.

ABSTRACT

The purpose of this study is to develop a comparative analysis between the cavalry novel *A Demanda do Santo Graal* (1988, edition by Heitor Megale) and the poem from northeastern cordel literature, entitled *A Batalha de Oliveiros com Ferrabraz*, by Leandro Gomes de Barros (Barros, 1933). Based on the imagery of these works, the similarities and dissimilarities will point to the influence of the Iberian peoples of the European medieval period in the redefinition of a northeast that once presented a hinterland, a place devastated by hunger and misery, and brave men, represented by the cangaceiro and the cowboy, both popular heroes and medieval warrior archetypes. It is intended to project the myths, Galaaz, which refers to King Arthur and the Knights of the Round Table in the search for the Holy Grail; and Oliveiros, loyal to Emperor Charlemagne and a member of the twelve Peers of France, to understand the return to the imaginary in contemporary times, through the context extracted from the European epic by the poets of cordel literature, with the aim of sketching a “possible” contour identity of the northeaster who, like an ascending and uninterrupted spiral, dynamically absorbed the multifacets of the process of cultural hybridization between colonizers and colonized.

Keywords: Imaginary; Similarities and Dissimilarities; Process of Cultural Hybridization.

LISTA DE QUADROS E FIGURAS

Figura 1 –	Klévisson Viana	54
Figura 2 –	Capa <i>A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás</i> em HQ	54
Figura 3 –	Introdução: Apresentação do Imperador Carlos Magno (ao centro) e os Doze Pares de França, “Os Leões da Igreja”	55
Figura 4 –	Deboche de Ferrabrás: “Quem és tu, tão pequenino que vem me desafiar?”	55
Figura 5 –	Oliveiros recusa o Bálsamo, beija a cruz da espada e roga à Virgem Maria proteção	56
Figura 6 –	Ferrabrás toma o Bálsamo para curar-se do golpe matador de Oliveiros	56
Figura 7 –	Ferrabrás oferece o Reino da Alexandria e consente o casamento de sua irmã com Oliveiros. O revés de Oliveiros: bebe o Bálsamo e retoma a batalha após sua cura	57
Figura 8 –	Apesar da irritação de Ferrabrás, Oliveiros joga o restante do Bálsamo no rio. Para ele bastava uma lança e uma espada, pois servia ao Deus da provisão	57
Figura 9 –	Registro do cordelista Leandro Gomes Barros descrevendo detalhes da sangüinolenta batalha entre os ferozes cavaleiros	58
Figura 10 –	A conversão de Ferrabrás e a comoção de Oliveiros: “– Bendito o Deus de Israel, que foi, que é, que há de ser!”	58
Figura 11 –	Besta (séc. XII), Espada Escocesa, Cinitarra (séc. XIV), Aljava (porta-flechas), Armadura de Cavaleiro Cristão e Armadura de Cavaleiro Sarraceno	59
Figura 12 –	Objetos turcos: Turbantes, Almofada, Rabeca, Elmo Turco, Pasamaques e Couraça com Bordado Damasceno	59

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

DSG *A Demanda do Santo Graal*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 SIMBOLOGIA E ASSOCIAÇÕES	15
2 GALAAZ, O CAVALEIRO ELEITO	25
3 OLIVEIROS, O CAVALEIRO DO SERTÃO	31
4 SEMELHANÇAS E DESSEMELHANÇAS	35
4.1 SEMELHANÇAS.....	36
4.1.1 Galaaz ou Oliveiros?	36
4.1.2 Combater em nome de Deus	38
4.1.3 Conversão em meio à luta	39
4.1.4 A intervenção do autor	40
4.1.5 Elementos extraordinários	41
4.2 DESSEMELHANÇAS	44
4.2.1 Novela de Cavalaria e Cordel	44
4.2.2 Linguagem arcaica versus linguagem popular	46
4.2.3 Presença e ausência da figura feminina	48
5 O CORDEL E A CONTEMPORANEIDADE	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS	63

INTRODUÇÃO

As práticas de dominação foram uma barbárie para a humanidade e representaram estratégias para a instauração de uma perspectiva de mundo singular. Nos regimes coloniais, a hierarquia foi construída por meio da imposição de categorias e valores que classificavam as pessoas e coisas. A legitimação dos impérios ratificou-se com a construção de categorias sociais. A divisão entre duas classes de pessoas, colonizadores e colonizados, requereu a definição do “*status*” de cada indivíduo na nova estrutura forjada pelo colonialismo, uma vez que as fronteiras sociais não estavam demarcadas e, por isso, a administração colonial investia na reinvenção e imposição de sistemas classificatórios.

As influências resultantes desse processo de dominação promoveram uma hibridação cultural, sedimentada no imaginário e na mentalidade de cada indivíduo e também de cada comunidade, com a depuração de escolhas conscientes e inconscientes que desenhou, de forma dinâmica e ininterrupta, o contorno identitário de um povo, no caso, o povo nordestino brasileiro. Juntos, passado e presente se complementam na (re)construção de um Nordeste que absorveu intervenções cultural e folclórica, ressignificando temáticas europeias por meio da literatura de cordel.

A literatura de cordel brasileira encontrou na literatura de cordel de Portugal o ressurgimento temático de valores e símbolos que permitiram a corporificação da figura mítica do herói medieval no herói sertanejo que, sob um novo olhar, estimulou a imaginação criadora, movimentando permanente ciclo de renovação identitário. Assim, novos contextos imaginativos permitiram outras possibilidades criativas às obras que serviram de suporte para ressignificação simbólica. O Nordeste brasileiro foi e é fonte inesgotável de inspiração e, no compasso da sanfona, do triângulo e da zabumba, os xotes e xaxados perpetuaram o Cangaço como mito e o cordel continuou a girar crenças e costumes do viver comum.

Embora admirado por diferentes classes sociais, o cordel não encontrou o devido reconhecimento no âmbito da cultura nacional, o que motivou a procura de uma raiz nobre com o objetivo de dar credibilidade ao marginalizado (Pinto, 2011, p.1986). Todavia, a incorporação do léxico, a partir de traços diferenciais e variadas formas da tradição oral, as expressões em uso, a religiosidade, o tom moralizante das narrativas populares, o canto dos repentistas, entre outros, ganharam nova roupagem que refletiram o pensar e o sentir do Sertão do Nordeste brasileiro.

O regresso ao imaginário na contemporaneidade não ressuscitará o mesmo cavaleiro medieval, representado por Oliveiros, n’*A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás*, mas sim um

“Oliveiros Guerreiro” nos moldes do nordestino da Caatinga, coração do Sertão. Apontar as semelhanças e dessemelhanças, na análise comparativa entre as obras *A Demanda do Santo Graal* (1988) e *A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás* (Barros, 1933), permitirá compreender a importância dos elementos do imaginário europeu na criação de uma mentalidade nordestina medieval, trazendo à memória os heróis populares como o sertanejo, o vaqueiro e o cangaceiro, arquétipos desses guerreiros medievais.

A fim de consubstanciar o estudo em tela, o trabalho foi dividido em cinco capítulos. No primeiro capítulo, “Simbologia e Associações”, os personagens e os elementos narrativos, como o Santo Graal, o Bálsamo, a Armadura dos Cavaleiros, as Insígnias das Espadas, o Batismo, entre outros, serão analisados no contexto do domínio extraordinário. O sobrenatural se fez presente nas narrativas e suas intervenções criaram um novo mundo, paralelo ao mundo já existente.

N’*A Demanda do Santo Graal* (1988, em edição preparada por Heitor Megale), o Cálice Sagrado, além de seu significado cristão, foi adotado por tradições esotéricas e servia como símbolo multifacetado que se incorporava em várias culturas e épocas. Em suma, era um objeto com poderes divinos que atribuíam prosperidade, cura e vida eterna. Também, em *A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás* (Barros, 1933), o simbolismo reverbera temas de coragem, fé e abnegação, o que estimula a reflexão sobre valores e crenças fundamentais da época em que foi projetada. Certamente, vem daí o impulso sertanejo em glorificar e idealizar figuras guerreiras como a dos cangaceiros, por exemplo.

Já o segundo capítulo, “Galaaz, o Cavaleiro Eleito”, apresentava o estereótipo construído pela igreja, agente de controle social, para “adestrar” a agressividade cavaleiresca. Portanto, ideias e comportamentos “fora da caixa”, certamente, eram banidos pelo clero. De espírito elevado, o personagem messiânico vencia seus inimigos nos combates e convertia estrangeiros (Palamades – cavaleiro mouro com marca do paganismo no medievo, por exemplo) ao cristianismo. Seu pai, Lancelote, por se envolver com a rainha Genevra, mulher casada, teve uma participação limitada nas aventuras do Graal sem conseguir acesso à visão do Vaso Santo e às suas maravilhas.

Portanto, o melhor cavaleiro do mundo (Galaaz) superou o melhor dos melhores (Lancelote), por sua total submissão ao divino na incessante busca da santidade e fidelidade aos costumes da cavalaria e às suas funções. Seus feitos tinham a aprovação do mais alto clero, o que lhe conferia soberania monárquica pelo fato de exercer a justiça com veemência e em defesa das instituições e dos princípios monárquicos. De todos os Cavaleiros da Távola Redonda, apenas Galaaz foi eleito para encontrar o Graal, pois os demais cavaleiros tropeçavam em ações

mundanas e cometiam os sete pecados mortais, sendo a luxúria, o mais recorrente entre eles.

Numa alusão aos Doze Pares de França e ao mito Carlos Magno, o terceiro capítulo, “Oliveiros, o Cavaleiro do Sertão”, abordará seus feitos, na irreverente narrativa de Leandro Gomes de Barros, um dos maiores nomes da literatura de cordel brasileiro. Considerado o reinventor do cordel, o poeta reelaborou e recriou *A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás* (Barros, 1933), inspirado em episódios relacionados às lutas dos cristãos contra os mulçumanos na Idade Média, além de apregoar a conversão de outros povos ao cristianismo. Pensar em substratos produzidos pela mistura de culturas nos remete à delimitação de bases próprias do imaginário nordestino e da cultura nacional, pois o que era europeu passa a guardar semelhanças com o que é brasileiro. (Pereira, 2014, p.2).

Pertencente ao “ciclo carolíngio”, o cordel épico *A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás* (Barros, 1933) trouxe vestígios daquilo que um dia pertenceu ao medievo e que hoje apresenta adaptações resultantes do tempo decorrido. O fato de as narrativas de cavalaria serem transmitidas, oralmente e com encenações, perpetuaram a imagem heroica do cavaleiro, exímio na luta e no sacrifício, defendendo o legado cristão dos inimigos da igreja. A adaptação de figuras clássicas do tradicionalismo medieval à situação do povo e à sociedade nordestina é um fenômeno literário interessante, uma vez que a memória coletiva projeta a necessidade de ressignificar o popular nos usos e costumes do nordestino. Oliveiros é esse Cavaleiro do Sertão, valente guerreiro da “cavalaria sertaneja” que resgata os valores e a identidade de um povo, castigado pela fome e pelas adversidades do ambiente inóspito, porém temente a Deus e a Padre Cícero.

No quarto capítulo, “Semelhanças e Dessemelhanças” permitirão uma análise cirúrgica do contorno cultural desenhado pelas influências ibéricas no período de colonização no Brasil. A versão d’*A Demanda do Santo Graal* utilizada, na monografia em tela, foi a atualizada para o português contemporâneo, elaborada por Heitor Megale, publicada em 1988 (Megale, 1988). Muitos aceitam que sua tradução foi feita por um monge cisterciense, pois clérigos tinham o conhecimento para fazer o “link” entre a cultura erudita e a leiga. Especulava-se o conteúdo com pregações da igreja medieval contra a mulher que induzia os cavaleiros ao pecado, além do contraste existente entre episódios recheados dos ideais cristãos e os elementos extraordinários do domínio *maravilhoso*.

Já em *A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás*, Leandro Gomes de Barros (Barros, 1933) repaginou um clássico do ciclo carolíngio da canção de gesta francesa na literatura de cordel, encontrando motivação na *História do Imperador Carlos Magno* (A HISTÓRIA do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França, 1863). Os Pares de França permaneceram como

modelos de valentia e Oliveiros resistiu ao tempo, sendo a metáfora da coragem e altivez, valores em apreço no meio do povo sertanejo.

Assim, no cruzamento das obras, será questão de análise os tipos de heróis que se destacaram, comparando-os, um em cada obra, para perceber possíveis relações entre a religião e a cavalaria. Também, verificar se a pureza do corpo é prerrogativa para se tornar herói nas narrativas analisadas. A questão da tradução de tais romances é importante; porém, o cerne do referido capítulo está no apontamento de modificações de temas, mitos, personagens e contexto, elementos relevantes para mensurar em que pesa o olhar intertextual. Pode ou não modificar a análise das obras? O imaginário da época foi determinante para a confluência ou a divergência das obras estudadas? Certamente, os laços de parentesco entre o imaginário da sociedade colonial sertaneja e os ideais guerreiros da Idade Média Europeia inspiraram inúmeras obras na literatura de cordel, revelando o sentimento de pertença inegociável.

Por último, o quinto capítulo, “O Cordel e a Contemporaneidade”, elucidará as contribuições da literatura de cordel na contemporaneidade e sua reinvenção no progressivo refinamento de suas publicações nas plataformas digitais com a multiplicidade de sofisticados projetos gráfico-visuais, paratextos editoriais, estratégias de circulação, entre outros, que a desnaturaliza e a situa no tempo. De forma fluida, o cordel penetrou nas camadas sociais como instrumento de mediação e propagação do conhecimento por meio da oralidade. A tradição, envolta de conhecimentos, usos e costumes, atravessa gerações, independentemente, do grau de instrução.

Daí, a importância de compreender como a literatura de cordel auxiliou na construção identitária do povo nordestino, convivendo com resíduos de culturas diversas e absorvendo elementos oriundos da hibridação cultural do período de colonização. Das grandes contribuições, podem-se elencar as situações de aprendizado, formal e informal em contexto interdisciplinar, em que a literatura de cordel resgata saberes e a atenção do público, quando a abordagem se relaciona aos temas sociais contemporâneos.

De fácil acesso, o uso do cordel é muito eficaz nas atividades de ensino e aprendizagem, sendo grande aliado à leitura e à produção textual. Em linhas gerais, o cordel é um território de reinvenções e deslocamentos regidos sob a batuta da experiência histórica e humana do maestro “indivíduo” que o escreve, o recita, o lê/ouve, o edita e o pesquisa.

1 SIMBOLOGIA E ASSOCIAÇÕES

A coexistência entre o mundo real e o sobrenatural desencadeou inúmeras aventuras envoltas pelos elementos do *maravilhoso*. A Armadura dos Cavaleiros Medievais; as Insígnias das Espadas, o Santo Graal, a “voz” e o “homem bom”, da *DSG* (1988); o Bálsamo, o Batismo, a Maria Pia (Imaculada), de *A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás* (Barros, 1933); as transfigurações de alguns personagens por encantamentos; a materialização do sobrenatural; entre outros, projetaram o imaginário coletivo do medievo e inspiraram muitos autores que desejavam reconstruir, no seu tempo, por meio de sua arte e habilidade, o mundo sob a perspectiva do homem comum, o qual trazia consigo o aspecto social, político, ideológico e cultural de um povo. No capítulo em tela, a constituição do herói cordelístico encontrou acervo no imaginário medieval nordestino, a partir do imaginário medieval europeu.

A presença sucessiva de metáforas constrói a alegoria literária, promovendo campo fértil para o desenvolvimento dos diversos temas abordados. Dentre outros aspectos, a simbologia foi uma ponte entre o cordel *A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás* (Barros, 1933) e a obra *História de Carlos Magno e os Doze Pares de França* (A HISTÓRIA do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França, 1863), uma vez que o nordestino identificou no medievo possibilidades de revivificação simbólica, como o cangaceiro. Ricos de significados, os símbolos retomam a relação existente entre a igreja e a ordem de cavalaria; entre os valores cristãos e as virtudes cultuadas no universo cavaleiresco; aspectos que atraíram o olhar do nordestino e motivaram a ressignificação do seu modo de ser e de viver.

A seguir, serão elucidados alguns símbolos que sobreviveram, através dos séculos, na memória coletiva e que fizeram parte da composição do mito nas narrativas em tela.

→ *A Armadura dos Cavaleiros Medievais* – As vestes e os armamentos possuíam significados simbólicos que revalorizavam a fé cristã. A espada, o escudo, a lança, o elmo, as esporas, quando recebidos na Cerimônia de Investidura, tornavam-se sagrados para o cavaleiro e representavam o fortalecimento do voto de fidelidade no cumprimento do dever e da causa defendida. Comum às duas obras, a armadura, instrumento específico para o ofício de cavaleiro medieval, protegia-o durante as batalhas e simbolizava honra e *status* social. Por analogia, as Sagradas Escrituras, em Efésios 6: 10-18, descrevem, com riquezas de detalhes, a armadura da fé.

¹⁰ No demais, irmãos meus, fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder.

¹¹ **Revesti-vos de toda a armadura de Deus**, para que possais estar firmes contra as astutas ciladas do diabo;¹² porque não temos que lutar contra carne e sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos *lugares* celestiais. ¹³ Portanto, **tomai toda a armadura de Deus**, para que possais resistir no dia mau e, havendo feito tudo, ficar firmes.¹⁴ Estai, pois, firmes, **tendo cingidos os vossos lombos com a verdade, e vestida a couraça da justiça,¹⁵ e calçados os pés na preparação do evangelho da paz;**¹⁶ tomando sobretudo **o escudo da fé**, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno.¹⁷ Tomai também **o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus,**¹⁸ orando em todo tempo com toda oração e súplica no Espírito e vigiando nisso com toda perseverança e súplica por todos os santos. (BÍBLIA Online, [s.d.]).

N'A *Batalha de Oliveiros com Ferrabrás*, a batalha incansável e sanguinolenta danificou muito a armadura dos cavaleiros. Durante o duelo corporal e verbal, escudo, arnês, espadas e lanças foram atingidos e resquícios potencializavam a violência do drama vivido pelos personagens. A alternância de vantagem entre Oliveiros e Ferrabrás foi constante e o estado precário dos componentes das armaduras, promovia a dinamicidade da obra e projetava a luta entre o Bem (cristianismo) e o Mal (Paganismo), uma vez que, no medievo, a igreja defendia, ferrenhamente, a propagação da fé cristã.

Posto em ordem, **prosseguiram**
A luta em estreitos passos;
Das grossas lanças pedaços
De ambos ao longe caíram.

Ambos logo se serviram
 De **duas finas espadas,**
Cortantes, grandes, pesadas,
 Que era uso dos guerreiros.
 Das feridas de Oliveiros
Foram três amagoadas.

(A *Batalha de Oliveiros com Ferrabrás* – Barros, 1933, p.9).

Já tinham se espedaçado
Arnês, capacete e tudo.
Não tinha mais um escudo
Que não tivesse quebrado.

As lanças tinham voado,
Só as viseiras existiam —
 Eles já mal se cobriam
 Nas horríveis cutiladas!

Somente as duas espadas
Sem dano algum resistiam.

(A *Batalha de Oliveiros com Ferrabrás* – Barros, 1933, p.11).

Devido ao seu mau estado —
 Muitas feridas do lado,
 Era enorme a sangueira!

Das armas, só a viseira
Apenas tinha ficado!

(A *Batalha de Oliveiros com Ferrabrás* – Barros, 1933, p.15).

Nas obras analisadas, o cavaleiro tinha sua função social de proteger os mais fracos do povo e de defender o cristianismo. Enquanto o bronze e o ferro eram as matérias-primas da armadura do homem, a fé e o sobrenatural eram os componentes simbólicos na produção da armadura de Deus.

→ *As Insígnias das Espadas* – Era muito comum, na Idade Média, o uso das espadas em combates. Pela insígnia, descobriam-se os feitos heroicos e a linhagem da nobreza. Identificava-se a origem, a posse e o poderio de determinada família na sociedade medieval. Em *DSG*, há vários episódios em que o extraordinário ocorre com a coadjuvação da espada, conforme descrito no trecho “*Como Galaaz acabou a aventura na pedra*”. Representou uma prova espiritual, na qual Galaaz retirou sua primeira espada da pedra/pedra e, posteriormente, recebeu a segunda espada, a da “*estranha cinta*”, desembainhada apenas por ele, de acordo com o episódio “*Galaaz na barca com Persival e Boorz – A espada da estranha cinta*”, respectivamente.

E Galaaz disse que iria de muito bom grado. Então o pegou o rei pela mão e levou-o à margem do rio, onde a pedra estava. E os do paço foram todos com ele, para verem o que poderia ser. E quando a rainha viu que o rei levava Galaaz pela mão à pedra, saiu ela com grande companhia de donas e donzelas. E o rei disse a Galaaz:

- **Quereis sacar esta espada desta pedra?** Pois a não quer ninguém provar de quantos aqui estão, porque dizem que a aventura não é deles. Provai-a, se vos aprouver, porque se o não provais, não acharemos cavaleiro que o prove.

Então pegou Galaaz a espada pelo punho e puxou-a tão facilmente, como se não estivesse presa a nada.

E depois, pegou a bainha e meteu-a dentro e cingiu-a logo, e disse ao rei:

- **Senhor, agora tenho já a espada, mas o escudo não tenho.** - Amigo, disse o rei, pois Deus e a ventura vos a espada deu, não tardará muito o escudo. (A DEMANDA do Santo Graal, 1988, p.28-29).

Então estendeu Galaaz as mãos para o céu e disse:

- Senhor Pai Jesus Cristo, se te apraz, outorga-me por tua piedade que a possa sacar.

Então persignou-se e **sacou a espada tão facilmente da bainha quanto quis**. E depois que a tirou, ergueu-a e olhou-a e achou-a tão formosa e tão limpa, como se a limpassem naquela hora. E depois que a olhou bem, prezou-a mais que espada que alguma vez tivesse visto. E **Persival**, que também a olhou muito, **disse para dom Galaaz:**

- **Ora podeis dizer bem que tendes a melhor espada do mundo e a mais rica que alguma vez, a meu ciente, houve no reino de Logres.** E semelha-me que para vós é, segundo direito, **porque sois o melhor cavaleiro do mundo e ela, a melhor espada do mundo.** [...]. (A DEMANDA do Santo Graal, 1988, p.238).

Artur, outro exemplo, foi proclamado rei da Inglaterra quando retirou uma espada cravada na rocha, *Excalibur*, a espada mágica. Muitos cavaleiros tentaram realizar a façanha, mas somente Artur conseguiu e foi coroado por Merlim, Mago que o educou. Todavia, antes de

morrer, o rei Artur se despediu de sua espada e a lançou no lago, para que nenhum perverso a usasse de forma indevida, uma vez que realizou grandes feitos por meio dela:

- **Ai, Excalibur, espada boa e honrada, a melhor que alguma vez entrou no reino de Logres, fora a da estranha cinta, agora perderás teu dono**, mas onde acharás em quem tão bem empregada sejas, como eras em mim, se não vens às mãos de Lancelote? Ai, Lancelote, o melhor homem e o melhor cavaleiro que alguma vez vi, fora Galaaz, que foi o melhor dos melhores! Ora aprouvesse a Nosso Senhor que esta espada tivesses e eu o soubesse! Certamente a minha alma estaria mais satisfeita com isso para sempre.

Então chamou Gilfrete e disse-lhe:

- Tomai esta espada e ide sobre aquele outeiro e **achareis lá um lago; e jogai-a nele, porque não quero que os maus, que depois de nós reinarão, tenham esta espada.**

- Senhor, disse ele, cumprirei vossa ordem, mas antes queria, se vos aprouvesse, que ma désseis.

- Não o farei, disse ele, porque não será em vós empregada segundo minha vontade, porque não tendes muito a viver. (A DEMANDA do Santo Graal, 1988, p.375).

Em *A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás*, as espadas eram beijadas e recebiam nomes, como Alta Clara, Batizo e Durindana. Por quê? Beijar a espada significava fé e auxílio divino. O cavaleiro precisava da bênção de Deus para obter êxito nas adversidades e nos combates. Por analogia, “Se Deus não edificara casa, em vão trabalha o homem.” (Salmos 127:1 – BÍBLIA Online, [s.d.]); ou seja, se Deus não estiver a frente de tudo, em vão serão os esforços humanos para realizar algo.

Beijou a cruz da espada,

Prosseguiu numa oração:

— Ó Virgem da Conceição,

Maria Pía e Sagrada!

Mãe de Deus, Imaculada,

Esposa casta e fiel!

Pelo vinagre e o fel

Que Cristo bebeu na cruz,

Rogai por mim a Jesus,

Nesta batalha cruel!

(*A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás* – Barros, 1933, p.10).

Quanto à nomenclatura das espadas, era muito comum personificá-las. A espada Durindana, também chamada Durendal ou Durandal, por exemplo, foi a espada do conde Rolando, recebida de Carlos Magno, no momento de sua investidura como cavaleiro. Segundo a *Canção de Rolando*, o interior de seu punho possuía vestígios da existência dos santos como um dente de São Pedro, o sangue de São Basílio, o cabelo de São Denis e um pedaço das vestes da Virgem Maria. Certamente, suas vitórias foram associadas a essas relíquias religiosas. Em *A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás*, disse Roldão a Carlos Magno sua justificativa para não

guerrear com Ferrabrás:

Nesta última batalha,
Sanguinolenta e tirana,
Minha **Minha espada Durindana**
Não mostrou uma só falha —
Daquela bruta canalha
Arrebatei a vitória!
Me ficarão na memória
Aqueles grandes perigos —
Aos cavalheiros antigos,
Foi a quem destes a glória!
(A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás – Barros, 1933, p.6).

→ *O Cavallo* – Tão importante quanto a armadura de um cavaleiro, o cavalo representou excelente estratégia na arte do combate. Segundo o Capítulo V,13, “Do Significado que existe nas Armas do Cavaleiro”, d’*O Livro da Ordem da Cavalaria*, na tradução de Ricardo da Costa, o:

Cavalo é dado ao cavaleiro por significado de nobreza de coragem e para que seja mais alto montado a cavalo que outro homem, e que seja visto de longe, e que mais coisas tenha debaixo de si, e que antes seja em tudo o que se convém à honra de cavalaria que outro homem. (RAMON LLULL, 1998-2024).

Os excertos abaixo exemplificam a importância do cavalo nas batalhas. A igualdade de condições no combate era crucial para vencer com honra e com obediência aos códigos da Ordem da Cavalaria e, no caso, ambos decidiram na luta corpo a corpo.

— **Turco , estás bem montado**
E o meu cavalo morreu!
Ferrabrás lhe respondeu:
— Mas eu não fui o culpado!
Não ficarás desmontado,
Eu sei a ordem qual é!
Não desanimes da fé;
Eu fui quem matou o teu.
Agora montas no meu —
Eu vou pelejar a pé!
(A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás – Barros, 1933, p.12).

Disse Oliveiros: — Não!
Fico também desmontado!
Tu não foste o culpado!
Assim era ser vilão!
Por certo eu tinha razão.
Porque tu mataste o meu —
Foi acaso que aconteceu.
Era-me feio aceitá-lo!
Não brigo só a cavalo —
Podes descansar o teu!

(A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás – Barros, 1933, p.12).

→ *O Santo Graal* – Símbolo da plenitude material e espiritual, o Santo Cálice apesar de estar associado ao “caldeirão ou vaso da abundância” dos celtas, garantindo cura, fartura e alimentação, representou o divino e a concretização da fé dos cristãos. O extraordinário ocorria em virtude de sua ação milagrosa e, ao mesmo tempo, mágica que inundava o ambiente de esplendor e transbordava a graça do Espírito Santo sobre os pobres mortais, seres humanos carentes do favor imerecido do Altíssimo.

E logo depois que o trovão deu, entrou uma tão grande claridade, que tornou o paço dois tantos mais claro que era antes. E quantos no paço estavam sentados, **logo todos foram repletos da graça do Espírito Santo e começaram a olhar uns aos outros, e viram-se muito mais formosos, muito mais do que costumavam ser, e maravilharam-se muito do que aconteceu** e não houve quem pudesse falar por muito grande tempo, antes estavam calados e olhavam-se uns aos outros. E eles assim estando sentados, **entrou no paço o santo Graal, coberto de um veludo branco; mas não houve um que visse quem o trazia. E assim que entrou, foi o paço todo repleto de bom odor, como se todos os perfumes do mundo lá estivessem.** E ele foi para o meio do paço, de uma parte e da outra, ao redor das mesas. **E por onde passava, logo todas as mesas ficavam repletas de tal manjar, qual em seu coração desejava cada um.** E depois que teve cada um o de que houve mister a seu prazer, **saiu o santo Graal do paço que ninguém soube o que fora dele, nem por qual porta saíra.** E os que antes não podiam falar, falaram então. E deram graças a Nosso Senhor, que lhes fazia tão grande honra e os confortara e abundara da graça do santo Vaso. Mas sobre todos aqueles que alegres estavam, mais o estava rei Artur, porque maior mercê lhe mostrara Nosso Senhor que a nenhum rei que antes reinasse em Logres. Disto foram maravilhados quantos lá estavam, por que bem lhes pareceu que se lembrara Deus deles, e falaram muito disso. **E o rei disse aos que perto dele estavam:**

- Com certeza, amigos, muito devíamos estar alegres, que Deus nos mostrou tão grande sinal de amor, que em tão boa festa como hoje, de Pentecostes, nos deu a comer de seu santo celeiro. (A DEMANDA do Santo Graal, 1988, p.31).

Por associação, o fato de o rei Artur agradecer a Deus pelo banquete espiritual, “manjar” e “santo celeiro”, remete à passagem bíblica que exorta sobre a necessidade do homem alimentar seu Espírito com a palavra de Deus, pois “[...] Nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus.” (Mateus 4:4 - BÍBLIA Online, [s.d.]).

No próximo trecho, verifica-se a retomada da consciência humana, com destaque para santificação, tão difundida e requerida pela igreja. O aspecto moral da narrativa foi traduzido na implacável lei da sementeira: o que se planta, colhe e ninguém está isento das consequências dos atos praticados. Somente aqueles que se apresentavam como soldados aprovados, diante de Deus e dos homens, veriam a glória do Santo Graal.

617. De tal modo como vos digo, perderam os da Inglaterra **o santo Graal**, que tiveram muitas vezes muito bem por ele, e foram muitas vezes saciados por ele e, **enquanto ele esteve no reino de Logres, nunca houve fome na terra. Mas assim**

que se retirou, começou tal fome, que durou três anos e foi tão grande, que morreu muita gente e o sofrimento foi tão grande que, por pouco, não se comiam os homens uns aos outros. E então lembraram eles do santo Graal, e disseram que tinham sofrido muito grande perda e lhes acontecera por seu pecado e por sua desventura. E quando rei Artur viu esta fome na terra, disse:

- **Certamente, esta fome e aflição merecemos nós por nosso pecado**, e bem se mostra pelo santo Graal; e assim como Nosso Senhor o deu a José e aos outros homens bons, que de sua linhagem vieram, por sua bondade e por sua proeza, assim o tirou de nós por nossa maldade e por nossa má vida, e por isso se pode ver que os maus perderam por sua maldade o que os bons mantiveram por sua bondade. (A DEMANDA do Santo Graal, 1988, p.347).

→ A “voz” e o “homem bom” – O mundo paralelo coexiste com a realidade e, no excerto abaixo, os agentes do imaginário regulam o acesso ao Santo dos santos, ao sublime da Demanda. A nova ordem social exigiu santificação e submissão às leis espirituais. A “voz”, as “mãos” e o “homem bom” (eremita) representaram a materialização do divino que tudo vê, tudo controla e separa o joio do trigo, pois Sir Lancelote era impuro e a ele foi negado a aproximação do Cálice Sagrado. O “*grande lume como se fosse hora de meio-dia*” simboliza o Bem que dissipa o Mal e por isso não permite comunhão entre elementos opostos.

541. Quando Lancelote entrou no paço aventureiro, andou por ele até que chegou a uma câmara onde viu grande lume e entrou para ver o que havia lá e não achou senão duas velas grossas que ardiam; e **foi de câmara em câmara até que chegou à câmara onde o santo Graal estava; e viu tão grande lume como se fosse hora de meio dia**. E olhou a câmara e viu-a tão formosa e tão rica que nunca viu coisa que se revelasse tão boa; e no meio da câmara, havia uma mesa de prata em lugar de altar, e o santo Vaso em cima coberto tão ricamente como estava aquele dia que José fez o primeiro bispo e cantou missa. **Quando viu o lugar em que o santo vaso estava coberto, logosoube bem que aquele era o santo Graal e disse:**

- **Ai, Deus! como seria bem-aventurado quem pudesse ora ver aquele Vaso que ali está coberto, pelo qual tão grandes maravilhas aconteceram no reino de Logres!**

Então olhou por todos os lados se poderia ver alguém que o impedisse de entrar lá, porque queria ir até a santa mesa, e descobrir o santo Vaso para ver o que lá havia. **Então ouviu uma voz que lhe disse: “Lancelote não entres, porque a ti não é outorgado.”**

Mas ele estava tão desejoso de ver aquilo pelo que tantos homens bons se esforçaram, que se lançou dentro mais que pôde; mas não entrou muito que sentiu **muitas mãos que o pegaram pelo corpo e pelos braços e pelos cabelos e lançaram-no fora e deram com ele tanta queda por terra, que cuidou ser morto e ficou esmorecido até que foi dia claro**. (A DEMANDA do Santo Graal, 1988, p.306).

E Galaaz, assim que chegou ao meio do paço, disse de modo que todos ouviram:

- A paz esteja convosco.

E o **homem bom** pôs as vestes que trazia sobre um tapete, e foi ao rei Artur e disse-lhe:

- Rei Artur, eu te trago o cavaleiro desejado, aquele que vem da alta linhagem do rei Davi e de José de Arimatéia, pelo qual as maravilhas desta terra e das outras terão fim. E com isto que **o homem bom** disse, ficou o rei muito alegre.

E disse:

- Se isto é verdade, sede bem-vindo. E bem seja vindo o cavaleiro, porque este é o que há de dar cabo às aventuras do santo Graal. [...] (A DEMANDA do Santo Graal, 1988, p.26).

→ *O Bálsamo* – milagroso, sagrado... foram usados vários adjetivos para expressar o elemento extraordinário que curaria as feridas de Ferrabrás e de Oliveiros. Impiedoso e sem temor às coisas sagradas, o turco furtou do templo de Jerusalém o mesmo Bálsamo que ungiu o Cristo. Inúmeras vezes, Ferrabrás ofereceu o Bálsamo a Oliveiros, contudo seria desonroso vencer a batalha com auxílio de um item sobrenatural. Além disso, ambos deveriam estar bem armados para que a vitória fosse reconhecida pela Ordem da Cavalaria, afinal havia um ritual a ser seguido. Enquanto o turco se beneficiava, tomando o bálsamo, Oliveiros rejeitava o benefício. Contudo, após uma cutelada de Oliveiros em Ferrabrás, o cavaleiro cristão bebeu o Bálsamo de forma inesperada. Tão inesperada que jogou no rio o que havia sobrado no vaso. Para Oliveiros, a batalha foi em nome de Deus e Ele o defenderia, sem necessitar de subterfúgios, conforme abordagem detalhada no subitem “4.1.2 - Combater em nome de Deus”.

Partiu ao seu contendor
Com tanta disposição.
Que só se estivesse são
Teria tanto valor.
Deu-lhe um golpe matador,
Porém pegou mal pegado,
Feriu o turco de um lado.
Ferrabrás se desviou.
Tirando o bálsamo, tomou,
Ficou de tudo curado.

(A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás – Barros, 1933, p.10).

Cobriu-se com seu escudo,
Beijou a cruz da espada
E deu uma cutelada.
Que desceu arnês e tudo.
E, dando outra a miúdo,
A Ferrabrás ofendeu.
O céu o favoreceu:
Um revés escapuliu,
O bálsamo dele caiu
E Oliveiros bebeu.

(A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás – Barros, 1933, p.11).

Depois de ter apanhado
O bálsamo que lhe serviu,
Dentro do rio sacudiu
O que tinha inda ficado.
Ferrabrás ficou maçado
Por Oliveiros botar
O que não podia achar
Ainda a peso de ouro —
Do mundo todo o tesouro
Não poderia comprar!

(A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás – Barros, 1933, p.11).

→ *O Batismo* – De forma curiosa, a espada denominada “Batizo” foi mencionada num

momento desfavorável ao cavaleiro Oliveiros. Seria um prenúncio de sua vitória e a evidência de que tudo está sob o controle divino? Apesar da difícil batalha, Oliveiros derrotou o turco, mas fortaleceu as virtudes cristãs ao acolher e ao ajudar o inimigo:

Oliveiros, quando acabou
De ouvir o que ele dizia,
Ficou com tanta alegria.
Que, de contente, chorou.
As feridas lhe curou,
Livrou ele de morrer.
Então, se ouviu dizer
Aquela alma fiel:
— Bendito, ó Deus de Israel,
Que foi, que é, que há de ser
(**A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás** – Barros, 1933, p.15).

Oliveiros viu então
Que a sela de Ferrabrás
Estava munida demais,
Com **espadas ao arçãõ.**
Com toda a disposição,
Que só quem não tem juízo,
Partiu ao turco indeciso —
Sem temeridade alguma,
Puxou pelo cabo duma,
Que se chamava Batizo.
(**A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás** – Barros, 1933, p.13).

“Batizo” foi uma estratégia interessante, porque anunciou com antecedência o ato de conversão de Ferrabrás. A nomenclatura da espada associada ao verbo “batizar”, no modo indicativo do presente, conjugado na 1ª pessoa do singular, denota uma ação única e intransferível, tanto de quem realizou o ato religioso quanto de quem se submeteu, pelo fato de ser um ritual pessoal de consagração e purificação. O Batismo é um dos mais importantes sacramentos da igreja católica e, de fato, o autor descreveu, de forma metafórica, a batalha espiritual entre o Bem (Cristianismo) e o Mal (Paganismo), na representação de Oliveiros e Ferrabrás.

— Nobre e grande cavaleiro!
Disse o turco, arrependido.
Agora estou convencido
Que teu Deus é verdadeiro.
Grande, bom e justiceiro.
Ente de grande mister —
Faz tudo quanto Ele quer,
NEle não há quem O pise!
Te peço que me batize —
Depois faça o que quiser!
(**A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás** – Barros, 1933, p.15).

→ *O Anjo Apolim* – Apolim, Apoliom era o anjo da destruição. Na Bíblia Sagrada, em

Apocalipse 9:11 (BÍBLIA Online, [s.d.]), encontram-se referências de sua atuação no mundo espiritual: “e tinham sobre eles, como seu rei, o anjo do abismo, cujo nome em hebraico é Abadom, e em grego, Apoliom.”. Ferrabrás, firme em suas convicções pagãs, suplicou auxílio ao anjo Apolim:

Dizendo: — **Apolim, me valha! . . .**
 E se levantando cansado.
 Inda dizia, animado:
 — Vamos dar fim à batalha!
 A morte não me empalha,
 A vida é como um segredo,
 O mundo é um cruel degredo
 Onde o mistério se enterra —
 Golpe de espada, na guerra.
 Jamais me mata de medo!
 (A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás – Barros, 1933, p.15).

→ *Maria Pia (Imaculada)* – Símbolo de pureza e bondade, a figura da Mãe do Cristo era sempre exaltada nas batalhas. Lembrada como a Mãe de Deus Protetora, intercedia por seus devotos junto ao Salvador, Jesus.

Beijou a cruz da espada,
 Prosseguiu numa oração:
 — **Ó Virgem da Conceição,
 Maria Pia e Sagrada!
 Mãe de Deus, Imaculada,
 Esposa casta e fiel!**
 Pelo vinagre e o fel
 Que Cristo bebeu na cruz,
**Rogai por mim a Jesus,
 Nesta batalha cruel!**
 (A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás – Barros, 1933, p.10).

Tanto Galaaz quanto Oliveiros foram apresentados como mártires nas causas cristãs. O primeiro, construído pela igreja e modelo a ser seguido pela sociedade por suas virtudes e submissão a Deus; já o segundo não era um modelo nacional, mas *linkou* entre o religioso sertanejo e a fé do “Imperador Cristão”, defensor do cristianismo por meio de seus Paladinos, como Oliveiros que lutou pela conversão de um pecador.

A seguir, a análise dos referidos cavaleiros servirá de suporte para compreender a polivalência do processo de hibridação cultural, significativo na construção identitária do povo nordestino.

2 GALAAZ, O CAVALEIRO ELEITO

A novela de cavalaria *A Demanda do Santo Graal* (*DSG*), escrita no século XIII, apresenta uma narrativa recheada de elementos do imaginário medieval: Mago Merlim, Fada Morgana e Cavaleiro Lancelote são alguns exemplos de personagens do mundo fantástico que nos remete ao Rei Artur, aos Cavaleiros da Távola Redonda e que, desde a antiguidade até o medievo, são amplamente explorados na literatura, no cinema e na dramaturgia. A biografia do Artur histórico é muito incerta por ser envolta de episódios lendários, provenientes da tradição oral e escrita. Filho de Uther Pendragon (rei da Grã-Bretanha) com Ingraine (esposa de Galois), Artur, fruto de uma relação extraconjugal, tornou-se rei ao retirar a espada mágica, *Excalibur*, fincada numa rocha. Governou bretões e com os Cavaleiros da Távola Redonda lutou contra saxões, monstros, bruxas, gigantes, entre outros. Numa imbricação de imaginários, o cavaleiro medieval reverbera o folclore e os costumes de diferentes regiões, promovendo a compreensão dos elementos formadores da mentalidade de um povo. Esse processo de criação e recriação de símbolos na transmissão do real e na representação artística resulta na soma dos resíduos de realidade, constituintes de um ciclo de renovação permanente.

Nesse contexto, *A Demanda* está totalmente associada a um simbolismo cristão, de obediência ao clero e aos propósitos da instituição clerical, pois o cerne da obra é a procura pelo Vaso Sagrado – Graal – usado por Cristo na Última Ceia, sendo Seu sangue recolhido por José de Arimatéia ao findar a crucificação e conduzido à Inglaterra (reino de Logres) pelos cavaleiros de Artur. Todavia, em virtude da multiplicação dos pecados, listados como os sete pecados mortais (ira, gula, preguiça, orgulho, inveja, avareza e luxúria), das ações pecaminosas do rei e da maior parte da corte arturiana, o elemento sagrado desapareceu. Ressurgiu somente com o “melhor cavaleiro do mundo”, Galaaz, detentor de todos os atributos requeridos pela igreja. Ele superou todos os cavaleiros por suas ações que o elevaram à condição divinal, porque curava enfermos, expulsava demônios, além de ser um exímio guerreiro na arte do combate.

A atuação dos doze cavaleiros eleitos, separados pelo Altíssimo, em analogia aos doze Apóstolos da Santa Ceia, Boorz, Percival e Galaaz, os três principais; Elaim o Branco, Lambeguez, Pinabel da Ínsua, Palamades, Melians de Dinamarca, Artur o Pequeno, Claudim, Meraugis de Porlegues e Persidos de Calaz, desenhava o contorno de um seleto grupo de guerreiros virtuosos e santificados para representar e defender o sagrado na terra dos viventes. Eles garantiriam o (re)equilíbrio do reino arturiano, que tinha perdido sua prosperidade em virtude do “sumiço” do Vaso Sagrado. Somente os bem-aventurados poderiam contemplar a

graça do Santo Graal, conforme trecho a seguir:

Tanto quer ser como buscar as maravilhas da santa Igreja e as coisas escondidas e as maravilhas e os grandes segredos que Nosso Senhor não quis outorgar que alguém os achasse que estivesse em pecado mortal. **A demanda do santo Graal é, pois, que ele separou os bons cavaleiros dos maus, como o grão e a palha. E quando ele separar os luxuriosos dos bons cavaleiros, então mostrará a estes homens bons ea estes bem-aventurados as maravilhas que andam buscando do santo Graal.** (A DEMANDA do Santo Graal, 1988, p.105).

Com base nas Sagradas Escrituras, o clero moldava a sociedade conforme sua conveniência e consentia a “guerra justa”. Seria possível um fundamento moral e racional para justificar uma guerra? Para Santo Agostinho, a guerra é justa no momento em que supre a estratégia dos jogos de poder no universo cristão com o objetivo de desenvolver o poder material, político e espiritual dos representantes da Santa Fé. O ato de guerrear era controlado pela classe clerical e o uso da força era utilizado a serviço de Deus e das classes menos favorecidas. A guerra poderia ser travada em prol do bem comum com o aval da autoridade reconhecida, repelindo injustiças e restaurando a paz. Defensora da “Paz de Deus” e da “Trégua de Deus”, a igreja estrategicamente ampliava seu poder entre cristãos e leigos; além disso, em certos dias da semana e em dias santos eram proibidos os combates.

Tais intervenções tinham o objetivo de controlar os excessos da nobreza guerreira, sedenta de riquezas. O homem de fé deveria ser casto, devoto e ter suas mãos limpas de sangue inocente. Entretanto, apesar de possuir todas essas qualidades, como poderia Galaaz, considerado “o Separado de Deus”, ser eleito para encontrar o Santo Graal se ele era filho bastardo de Lancelote com Guinevere (Genevra)? Seria o desejo de Deus de demonstrar Seu poder? Pode-se depreender, também, que para o plano espiritual não havia lógica e nem leis desse mundo que regessem o divino, conforme descrito em 1º Coríntios, capítulo 1, versículos de 18-20 e de 27-29:

¹⁸ Pois a **mensagem da cruz é loucura para os que estão perecendo, mas para nós, que estamos sendo salvos, é o poder de Deus.** ¹⁹ Pois está escrito: **“Destruirei a sabedoria dos sábios e rejeitarei a inteligência dos inteligentes”.** ²⁰ Onde está o sábio? Onde está o erudito? Onde está o questionador desta era? Acaso não tornou Deus louca a sabedoria deste mundo? [...] ²⁷ Mas Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios, e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes. ²⁸ Ele escolheu as coisas insignificantes do mundo, as desprezadas e as que nada são, para reduzir a nada as que são, ²⁹ **para que ninguém se vanglorie diante dele.** (BÍBLIA Online, [s.d.]).

Além disso, a abordagem de temas relacionados à fé, pureza e devoção com a presença de elementos pecaminosos, evidenciavam paradoxos existentes na *DSG*, a fim de promover

reflexões quanto à coexistência entre o paganismo (celtas) e a cristandade (cristãos), conforme trechos abaixo:

→ *Luxúria* (amor aos prazeres da carne e a comportamentos sexuais exagerados e muitas vezes promíscuos), no capítulo XXVIII, “Sonhos de Lancelote”, nas falas da rainha Genevra (a adúltera) e da rainha Helena, mãe de Lancelote, respectivamente:

- **Ai, Lancelote! Tão mau foi o dia em que vos conheci!** Tais são os galardões do vosso amor! Vós me lançastes neste grande sofrimento em que me vedes; e eu vos lançarei em tão grande ou em maior, e pesa-me muito, **porque estou perdida e condenada ao grande sofrimento do inferno;** não quereria que acontecesse assim a vós, antes quereria que acontecesse a mim, se a Deus aprouvesse. (A DEMANDA do Santo Graal, 1988, p.126).

Assim que o rei seu pai lhe disse isto, chegou a **rainha Helena, sua mãe.** Também disse-lhe: - Filho, em má hora te trouxe, pois que com quanto bem e com quantas boas habilidades te Deus deu, serviste o demo. Até aqui, filho, Deus te fizera formoso e de melhor donaire do que outro cavaleiro, e tua beleza e tua graça estão perdidas, porque te meteste todo em serviço do demo, quando te ajuntaste com a rainha Genevra, que em má hora nasceu, e estás, muito tempo, com ela contra Deus e contra o direito. Aquele pecado te porá em tão grande aflição ou em maior do que viste a rainha Genevra. **Filho, estás morto e escarnecido e aquele pecado feio, que não deixas, te fará morrer em tão grande desonra, que todos da tua linhagem que estiverem vivos, ficarão por isso desonrados.** E sabe que nenhuma bondade humana poderia curar tão grande dor e tão grande mesquinhez que por isso sofrerás, por pouco prazer e por pequeno que nisto tiveste, porque tal é a penitência deste pecado, que o prazer é muito pequeno e o sofrimento e a dor, eterna, se Nosso Senhor não põe nisto conselho. **E por isto te digo, amado filho, formosa criatura, que deixes aquele pecado, porque muito nele erraste contra Deus e contra o mundo, que muito grande medo tenho de seres por isso condenado.** (A DEMANDA do Santo Graal, 1988, p.127).

→ *Incesto* (Morderete, filho incestuoso de Artur e sua meia irmã Morgana), no capítulo LXXXIV, “Levante de Morderete – Rei Artur na Capela Vieira”, descreve o combate e a morte de seu filho-sobrinho Morderete:

Artur enfrenta, por fim, seu sobrinho **Morderete, na verdade seu filho incestuoso, que morre de uma lança sua, não sem antes feri-lo mortalmente.** Depois de fazer Gilfrete jogar sua Excalibur num lago, de cujas águas sai um punho que a pega e puxa para o fundo, Artur é levado numa barca para Avalon. (A DEMANDA do Santo Graal, 1988, p.9).

→ *Adultério*, exemplos como Uter Pendragon e Ingraine (esposa de Galois); Lancelote do Lago e Genevra (esposa do rei Artur); e, no exemplo a seguir, Tristão e Isolda (esposa do rei Mars).

445. Nesta parte, diz o conto e a verdadeira estória que rei Mars de Cornualha bem ouvira dizer que Tristão, seu sobrinho, fora para a Grã-Bretanha e levava consigo

a rainha Isolda e metera-a na Joiosa Guarda. **Rei Mars amava Isolda com tão grande amor que não podia esquecê-la de modo algum**, antes era tão apaixonado por ela, que mais não podia, e muitas vezes quisera mandar dizer a rei Artur que lha enviasse, mas não se atrevia, porque sabia que ele amava tanto a Tristão, que lha não enviaria de nenhum modo, e ainda que o quisesse fazer, deixaria de fazê-lo por amor da linhagem do rei Bam, da qual **todos amavam Tristão de coração**. E nesta dor e neste pesar viveu rei Mars dois anos sem Isolda e desamava por ela tanto a rei Artur, que, se pudesse prejudicá-lo de algum modo, de muito bom grado o faria. (A DEMANDA do Santo Graal, 1988, p.251-252).

Por analogia, a teoria de *Yin e Yan* reforça a possibilidade de que fatores contrastantes se complementam e auxiliam no processo catártico. Em vários trechos da *DSG*, observa-se a catarse em seus personagens e Galaaz não ficou fora desse contexto, porque como Vassalo de Cristo negou seus desejos carnis em prol da missão maior: a busca da perfeição cristã. Contudo, “o puro dos puros” viu-se enrascado na armadilha diabólica da filha do rei Brutos que, após ser rejeitada por Galaaz, se suicidou com a espada do referido cavaleiro, conforme excerto abaixo:

116. *Como a donzela se matou por amor de Galaaz*. Depois que isto ouviu, não esperou mais, antes saiu do leito e foi correndo à espada de Galaaz, que pendia à entrada da porta da câmara, e sacou da bainha e pegou com ambas as mãos e disse a Galaaz: - Senhor cavaleiro, vedes aqui o engano que havia nos meus primeiros amores. E mau dia fostes tão formoso, que tão caro me convirá comprar vossa beleza. Quando Galaaz viu que ela já tinha a espada na mão e que se queria ferir com ela, saiu do leito todo espantado e gritou-lhe: - **Ai, boa donzela! Tem um pouco de paciência e não te males assim, que farei todo teu prazer**. E ela, que estava tão aflita que não poderia mais, respondeu com raiva: - Senhor cavaleiro, tarde mo dissestes. **Então ergueu a espada e feriu-se com toda a sua força por meio do peito de modo que a espada passou de uma parte. E caiu em terra morta, que não falou mais nada**. (A DEMANDA do Santo Graal, 1988, p.76).

Embora elementos ligassem Galaaz ao mundo, como a bastardia e sua beleza física, que despertava a cobiça feminina, o “eleito”, numa tentativa de preservar a vida da donzela, prometeu ceder ao desejo carnal da jovem, colocando em risco sua salvação e o título de “o melhor dos melhores”. Ele sentiu na pele o conflito de sua alma e a difícil decisão de anular seu voto, demonstrando seu amor ao próximo, como bem elucidado no Evangelho de São João, no capítulo 13, versículo 34: “*Eu vos dou um novo mandamento: amai-vos uns aos outros. Como eu vos amei, assim também vós deveis amar-vos uns aos outros*”. Entretanto, mesmo com essa atitude nobre, Deus permitiu a morte da filha de Brutos para que o cavaleiro permanecesse puro.

Outro ponto marcante na obra é a presença constante do sublime no imaginário medieval. No episódio “LXXX - Morte de Galaaz e de Persiva, Boorz volta ao reino de Logres” – mais uma vez o sobrenatural definiu vários acontecimentos, como observado nos trechos abaixo:

1) a coroação de um rei, pois o rei Escorante estava doente e faleceu. Com a sua morte e sem herdeiros, os habitantes da cidade não sabiam quem faria rei, quando em conselho uma voz surgiu e disse-lhes:

Pegai o maior dos três cavaleiros estrangeiros, o qual vos guardará e manterá bem, enquanto estiver convosco.

E eles cumpriram a ordem da voz, e pegaram Galaaz, querendo ou não, e fizeram-no rei, e puseram-lhe a coroa na cabeça [...] E quando entraram no Paço Espiritual, olharam diante de si o santo Vaso, e **viram um homem revestido como clérigo de missa, que estava de joelhos** diante da mesa e batia a mão no peito dizendo sua culpa; **e estava ao redor dele muito grande companhia de anjos**; e, depois que ficou muito tempo de joelhos, ergueu-se e começou sua missa da gloriosa Senhora. (A DEMANDA do Santo Graal, 1988, p.348).

2) a aparição das coisas espirituais que evidenciou a fragilidade humana ao se deparar com o poder de Deus. Quem subsistiu ao poder dos céus? Galaaz, em sua natureza humana corruptível, não resistiu à visão daquilo que era celestial e extraordinário:

E ele se aproximou logo e olhou o santo Vaso e depois que olhou um pouco, **começou a tremer muito violentamente, tão logo a mortal carne começou a ver as coisas espirituais**, e estendeu logo suas mãos para o céu e disse: - Senhor, a ti dou graças e a ti oro e a ti bendigo, porque me fizeste tão grande mercê, que vejo abertamente o que língua mortal não poderia dizer, nem coração sentir. Aqui vejo o começo das grandes audácias. **Aqui vejo a razão das grandes maravilhas. E pois assim é, Senhor, que cumpristes minha vontade de me deixardes ver o que sempre desejei, ora vos rogo que, nesta hora em que nesta grande alegria estou, vos agrade que eu passe desta terreal vida e vá à celestial.** (A DEMANDA do Santo Graal, 1988, p.348-349).

3) a comparação de Galaaz com Josefes, o filho de José de Arimatéia (o homem bom). Ambos parecidos porque contemplaram as maravilhas do Santo Graal e por serem castos:

E tão logo rogou a Nosso Senhor, o homem bom que cantava a missa tomou o *Corpus Domini* e lhe deu em comunhão. **E Galaaz o recebeu com grande humildade e o homem bom perguntou: - Sabeis quem sou? - Não, disse ele, se não me disserdes. - Pois sabe, disse ele, que sou Josefes, o filho de José de Arimatéia, que Nosso Senhor te enviou para te fazer companhia.** E sabes por que me enviou de preferência a outro? Porque pareces comigo em duas coisas: porque viste as maravilhas do santo Graal como eu, e porque é direito que um virgem faça companhia a outro virgem. Depois que Josefes disse isto a Galaaz, voltou Galaaz a Persival e beijou-o, e depois disse a Boorz: - Saudai por mim muito a dom Lancelote, meu pai e meu senhor, tão logo o vejais. **Então voltou para diante da mesa e ficou de joelhos e não demorou senão pouco. Quando caiu no chão, a alma se lhe saiu do corpo e levaram-na os anjos fazendo grande alegria e bendizendo a Nosso Senhor.** (A DEMANDA do Santo Graal, 1988, p.349)

Sua alma fora arrebatada para outra dimensão e, aos ares, os anjos o conduziram à Terra Prometida. Acontecimento análogo ao descrito em 1º Tessalonicenses, capítulo 4, versículo 17: “Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a

encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor” (BÍBLIA Online, [s.d.]). O objeto sagrado só estaria ao alcance dos humanos na outra vida, desde que estes fossem conduzidos no caminho correto pela representante de Deus na terra, a Igreja Católica, assim como Galaaz pautou suas ações (Zierer, 2013, p.167). De fato, o personagem do jovem cavaleiro representou um divisor de águas no tocante à difusão dos ideais da doutrina cristã, porque:

Figura singular em meio ao rebanho difuso do ambiente laico, Galaaz é um ser privado de qualquer dimensão histórica. A representação estereotipada de sua vida concreta acabou por dissociá-lo do homem comum e aproximá-lo do ideal de santidade. (Pereira, 2007, p.69).

No próximo capítulo, a análise apontará as especificidades de um cavaleiro mais próximo do comum, mas que guarda consigo, também, o desejo de alcançar a santidade idealizada na cultura popular brasileira.

3 OLIVEIROS, O CAVALEIRO DO SERTÃO

A intertextualidade entre o texto português *História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França* (A HISTÓRIA do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França, 1863) e a literatura de cordel nordestina *A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás* (Barros, 1933) evidencia os diversos aspectos ora convergentes, ora divergentes. Tal paradoxo deve-se ao fato de que, mesmo produzidos em tempo, espaço e contextos diferentes, o texto português e o folheto de cordel se imbricam, produzindo no leitor uma nova leitura e novas sensações que o fazem refletir sobre o assimilar e o recontextualizar da épica europeia no popular do sertão nordestino. Sob essa perspectiva, os “Leões da Igreja” foram acolhidos pelo nordestino, porque traduziram o perfil esperado para os homens da caatinga; os cangaceiros deveriam combater as adversidades do clima, da vegetação, da fome e, também, defender a cidadania de sua gente, de seu povo. Vaqueiros, sertanejos e cangaceiros, não importava o título, todos em prol da construção identitária do Nordeste brasileiro.

De forma metafórica, o cordelista readequou a narrativa cantada em versos ritmados. Esses tais “leões cruéis” representavam a coragem e a ousadia idealizadas pela memória coletiva. Contudo, o maior que havia em toda a Turquia, filho do almirante Balão, conhecido por dominar e saquear Roma, surrupiando a coroa de espinhos, os cravos, uma inscrição da Cruz e o Bálsamo que ungiu o corpo do Senhor morto, Ferrabrás de Alexandria insultou o Imperador Carlos Magno e seus cavaleiros, em especial Roldão e Oliveiros. Após a recusa de Roldão, desobedecendo a ordem de Carlos Magno para enfrentar o turco, Oliveiros, mesmo ferido, apresentou-se como soldado aprovado para a batalha. Haveria alguma motivação para a oposição entre os Doze Pares de França e o exército turco? Duas suposições: a primeira, seria o deboche de Ferrabrás, desafiando o imperador, o qual, prontamente, convocou seu exército para enfrentá-lo, de acordo com o descrito na estrofe a seguir:

Sairei daqui dizendo:
 Carlos Magno se escondeu!
 Roldão não me apareceu —
 Talvez ficasse tremendo!
 Estou só como estás vendo,
Eles são doze guerreiros —
Como doze cavaleiros
Não dão batalha a um só?
 Por que não vem uma mó,
 Roldão, Ricarte, Oliveiros?
 (A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás – Barros, 1933, p.6).

A segunda, o vínculo com a religião deixaram pistas, porque Ferrabrás não acreditava no Deus de Oliveiros, comparando-o a um “cordeiro” a ser tragado por um “lobo” (figura do turco imbatível). Apesar da ironia do turco, os vestígios das Sagradas Escrituras estão muito presentes no discurso dos personagens, conforme trecho que se encaixa no versículo bíblico infracitado:

O turco disse-lhe assim:
 — Teu rei é muito malvado,
 Pois pega um pobre soldado,
 Sem causa quer dar-lhe um fim!
 Porque, em tu vires a mim,
 É ser muito louco ou bobo —
 É como fazer um roubo
 A quem não possui dinheiro!
É atirar um cordeiro
Dentro da jaula de um lobo!
 (A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás – Barros, 1933, p.9).

Ele foi oprimido e afligido, mas não abriu a sua boca, **como um cordeiro foi levado ao matadouro**, e como a ovelha muda perante os seus tosquiadores, assim ele não abriu a sua boca. (ISAÍAS 53:7 - BÍBLIA Online, [s.d.]).

Outro momento que traz à memória o estereótipo do “cabra macho”, tão comum na linguagem do nordestino, encontra-se na seguinte estrofe:

— Guarim, podes descansar!
 Oliveiros respondeu.
 Um soldado como eu
 Não deixa seu rei chorar!
 O turco há de acreditar
 Que mil feras não me comem —
 Minhas façanhas se somem.
Mas, enquanto eu não morrer,
Ferrabrás há de dizer:
Em França encontrei um homem!
 (A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás – Barros, 1933, p.7).

Contudo, o cordelista retoma a essência da Ordem da Cavalaria e usa Ferrabrás como infrator dos bons costumes (tom moralizante), trazendo à memória do leitor que a educação é um ato nobre em quaisquer circunstâncias, mesmo na peleja.

Disse Oliveiros, zangado:
 — Venha pelejar comigo!
 Perante seu inimigo,
 É ser vil pôr-se deitado!
 Devia ser delicado (Lhe refletiu Oliveiros)
Na Ordem dos Cavalheiros,

**Encontra-se a educação —
Pois isso não é ação
Vinda dos grandes guerreiros!
(A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás – Barros, 1933, p.8).**

O texto abraça o público a que se destina. O debate verbal é um recurso que prende a atenção do leitor/ouvinte, produzindo sensações de gradação na dramaticidade da história. A existência da luta corporal tornou-se secundária, uma vez que o duelo verbal reforça a retórica do combate. Essa estratégia é genial, haja vista que:

No diálogo que se instala entre Oliveiros e Ferrabrás, no famoso folheto de Leandro, **a palavra se torna a ocupação primordial de rivais, o discurso como que constrói a retórica do combate, e chega mesmo a substituir a ação, observando-se uma sequência em que o combate é explicitamente substituído pela disputa verbal [...].** “Levante-se cavaleiro/ pegue a arma, se apronte/ pegue o cavalo e se monte/ trate de ser bom guerreiro/ ponha seu corpo ligeiro/ veja não de uma falha/ a morte entre nós se espalha/ a hora de um é chegada/ lance mão de sua espada/ vamos entrar em batalha. (Ferreira, 1993, p.80).

O poema é intrigante a ponto de utilizar o ritmo que o torna mais duradouro, conferindo alegria e charme à vontade de matar dos cavaleiros. E qual a relevância desse cordel para o sertanejo? Segundo Câmara Cascudo (1953):

A história de Carlos Magno e dos Doze Pares de França foi, até poucos anos, o livro mais conhecido pelo povo brasileiro do interior. De escassa popularidade nos grandes centros urbanos, **mantinha seu domínio nas fazendas de gado, engenhos de açúcar, residências de praia, sendo, às vezes, o único exemplar impresso existente em casa. Raríssima no sertão seria a casa sem a História de Carlos Magno, nas velhas edições portuguesas.** Nenhum sertanejo ignorava as façanhas dos Pares ou a imponência do Imperador da barba florida. (Cascudo, 1953, p.441).

Depreende-se que além da necessidade de chamar à existência a figura do herói popular (o cangaceiro, por exemplo), no personagem de Carlos Magno e de seus Cavaleiros, o poeta nordestino começou a pontuar adaptações e traduções, construindo textos e lugar de fala às camadas sociais periféricas. A partir da *História de Carlos Magno e dos Doze Pares de França* (1863) originaram-se vários folhetos de cordel, abrindo o caminho para novas obras literárias. Dessa forma, as narrativas se espelhavam no cotidiano de leituras e nos saraus rurais, haja vista as especificidades do cordel na transição do século XIX para o XX. Pode-se afirmar que esse poema é um canto não europeu, mas universal por sua força poética em meio ao povo do Nordeste brasileiro.

Além disso, outro ponto interessante se relaciona com a presença do mistério, anunciando a graça divina sobre o Imperador Carlos Magno que, por sua fama de valoroso

cristão, adentrou na narrativa da novela de cavalaria *A Demanda do Santo Graal*, no episódio “LXVIII - Castelo Felão”, a saber:

Uma noite, estando o rei Artur em seu leito a pensar na torre que lhe caíra tantas vezes, disse-lhe **uma voz**: “Artur, não te esforces mais por levantar a torre, que não apraz a Deus que seja edificada por alguém tão pecador como tu, e jamais será feita por ti e por outrem, até que venha um rei de Gaula, que terá nome **Carlos, e aquele converterá à fé de Jesus Cristo mais gente que tu, e não será tão honrado nem tão poderoso, nem terá tão boa cavalaria como tu, mas será melhor cristão e maisleal à santa Igreja**; e aquele meterá em seu senhorio todo o reino de Logres e muitos outros reinos; e aquele virá da linhagem de rei Bam e bem parecerá linhagem de cavaleiros aquela linhagem. (A DEMANDA do Santo Graal, 1988, p.287).

Decerto, a bravura e obstinação de Oliveiros, cavaleiro mais intrigante de Carlos Magno, resgataram a personalidade do homem nordestino, o qual luta pela sobrevivência em meio à Caantiga e à fome. As intempéries são o combustível para estimular a fé na Virgem Maria, mãe de Deus, e na igreja, representante de Deus na terra. De forma análoga aos rituais de fé do nordestino em beijar “as fitinhas” dos santos devotos nas missas, o ato de o cavaleiro beijar a cruz da espada representa o apelo à proteção de Deus para vencer a batalha, afinal de contas o combate é em nome da fé, em nome Dele:

Beijou a cruz da espada,
 Prosseguiu numa oração:
 — **Ó Virgem da Conceição, Maria Pia e Sagrada!**
Mãe de Deus, Imaculada,
 Esposa casta e fiel!
 Pelo vinagre e o fel
 Que Cristo bebeu na cruz,
Rogai por mim a Jesus,
Nesta batalha cruel!
 (A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás – Barros, 1933, p.10).

Em meio a um pedaço de escudo, arnês e capacete espedaçados, a batalha seguia até que Ferrabrás arrependido, se converteu ao cristianismo. Oliveiros prometeu ao novo cristão que seria recebido pelos Pares e, embora o turco tenha anunciado o perigo adiante, Oliveiros enfrentou os inimigos que estavam por trás do outeiro. Após a alegria que sentiu com a salvação de mais uma alma (momento de catarse), o guerreiro da fé não se preocupou com sua integridade física, sendo fiel a Deus e à igreja. Seu ato reportou os feitos do apóstolo Paulo, conforme escrito em 2º Timóteo, capítulo 4, versículos 7-8, das Sagradas Escrituras:

7 Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé. 8 Desde agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amarem a sua vinda. (BÍBLIA Online, [s.d.]).

4 SEMELHANÇAS E DESSEMELHANÇAS

A partir da interseção da temática religiosa, semelhanças pinçadas emergiram dessemelhanças que foram notórias para a análise comparativa entre *A Demanda do Santo Graal* (A DEMANDA do Santo Graal, 1988) e *A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás* (Barros, 1933). Apesar da distância temporal entre essas obras, questões da vida terrena e espiritual reverberaram a inquietude humana. As narrativas, através dos tempos, lançaram mão das histórias de homens e de seus anseios. Em especial, o homem da Idade Média era fiel a Deus, à santa igreja e aos Códigos de Conduta da Cavalaria semelhantes aos “mandamentos” bíblicos.

Sob a atmosfera do imaginário coletivo, foi possível ressignificar temas, mitos, personagens e contexto. Obviamente que o cavaleiro Oliveiros da obra original não seria o mesmo que fora resgatado por Leandro Gomes de Barros, na literatura de cordel. Houve uma espécie de identificação do público popular nordestino com a escrita poética, inspirada nos códigos e convenções sociais, próprios do medieval. Ou seja, na esfera social, as práticas literárias e culturais têm seu lugar específico de exercício e formas particulares de organização.

Por meio da intertextualidade, os textos do período medieval sofreram transformações que delinearam a sociedade colonial sertaneja. Na busca de sua identidade, o povo nordestino acolheu temáticas europeias, todavia assimilou e adaptou, no “tom certo da sanfona”, as cores do cenário nordestino em seus cordéis. Assim, o sentimento de pertença se materializou em personagens típicos do Nordeste brasileiro, inspirando, por exemplo, *A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás*, cuja ancestralidade estava na canção de gesta francesa. O herói Oliveiros, cavaleiro sertanejo, representou o “cabra da peste”, personagem destemido e sobrevivente da caatinga.

Nesse contexto, o ponto de partida da análise comparativa será os tipos de heróis construídos entre a relação igreja e cavalaria. Saber se a pureza do corpo do cavaleiro era pré-requisito para ostentar o título de herói e, posteriormente, abordar outros pontos narrativos que foram importantes para compor a investigação proposta neste capítulo. É fundamental examinar como Leandro Gomes de Barros interpretou as lendas que atravessaram séculos e como o contexto em cada época redesenhou sua obra, a fim de consubstanciar as respectivas semelhanças e dessemelhanças, tão necessárias para compreender o *ethos* do povo nordestino em relação às influências herdadas do processo de hibridação cultural do período colonial.

Cabe ressaltar que não se deve apenas elucidar pontos comuns, mas apontar aquilo que foi reaproveitado dessas congruências temáticas e o que o cordelista trouxe para sua obra. Eis

a análise dos heróis: como foram os heróis d' *A Demanda do Graal* e d' *A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás*?

4.1 SEMELHANÇAS

4.1.1 Galaaz ou Oliveiros?

A construção dos heróis foi o primeiro traço semelhante observado entre as obras. A excelência da formação de um herói era diretamente proporcional à sua submissão aos valores da ordem cristã e aos códigos da cavalaria, com ênfase na castidade, porque quanto mais casto, mais puro e tal privação o aproximava mais de Deus. Vistos como imortais, os heróis sobreviviam a ferimentos graves sem perder a bravura na luta do Bem contra o Mal.

Em *A Demanda do Santo Graal*, com a chegada de Galaaz ao seio da cavalaria, o “puro dos puros”, apesar de ser submisso às leis da igreja, foi ferido por um paradoxo, a natureza humana e o divino. Sua concepção pecaminosa poderia torná-lo suscetível aos ataques dos inimigos, causando sua morte na primeira investida do adversário.

Contudo, por mistério e obra do querer divino, o herói Galaaz se encontrava num processo de restauração interna e de autoconhecimento. Essa mudança constante no foco, ora distanciando-o, ora aproximando-o do Cristo, resultou na remissão de seus pecados, o que o tornou imbatível. O fato de sua investidura ocorrer no dia de Pentecostes ratificou a proteção divina nos combates, assegurando suas frequentes vitórias.

Tal episódio nos remete ao momento em que o Espírito Santo desceu sobre os apóstolos, descrito em Atos dos Apóstolos, capítulo 2: “E, cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos concordemente no mesmo lugar; e de repente veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados.”.

Como em Pentecostes, Galaaz era cheio da graça, do Espírito Santo de Deus e, com os dons espirituais que possuía, operava curas, expulsava demônios instalados em locais sagrados, cumprindo-se profecias; ou melhor, ele foi a própria profecia de Deus. Aquele que veria a glória Dele materializada na visão do Santo Vaso, morrendo em seguida. Galaaz seria o novo Salvador que experimentou a transfiguração e, por conseguinte, a morte, causada pela fragilidade da natureza humana frente ao sagrado, conforme excerto abaixo:

Tão logo ele morreu, aconteceu uma grande maravilha, Boorz e Persival viram que veio do céu uma mão, mas não viram o corpo de quem era a mão, e tomou o santo Vaso e levou-o para o céu com tão grande canto e com tão grande alegria, que nunca alguém viu mais agradável coisa de ouvir, assim como nunca

houve quem na terra depois pudesse dizer com verdade que alguma vez também viu. **Quando Persival e Boorz viram que estava morto Galaaz, tiveram tão grande pesar** que não puderam maior, e se não fossem tão bons homens e de vida boa como eram, cairiam em desespero, tanto tiveram grande pesar. O povo da terra também teve muito grande pesar, porque era de vida muito boa e **porque fora muito bom rei e porque os mantivera em sua honra e honra da terra.** (A DEMANDA do Santo Graal, 1988, p.349).

Já em *A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás*, Oliveiros, mesmo ferido nos combates derradeiros, não hesitou em obedecer a seu senhor, o Imperador Carlos Magno e “Ordenou ao escudeiro / O cavalo lhe selar / E mandou logo aprontar / Arreios de cavaleiro. / E gritou:— Ande ligeiro! / Me ajude logo armar! / Pode o turco se gabar: / **Matei um dos cavaleiros!** / Porém não diz: **Oliveiros / Temeu comigo lutar!**” (1933, p.7). Oliveiros enfrentou o gigante Ferrabrás, rei de Alexandria, arriscando sua própria vida e esse ato ressalta o contido na Ordem dos Cavaleiros. Assim:

Ofício de cavaleiro é manter e defender o senhor terreno, pois o rei, nem o príncipe, nem nenhum outro barão sem ajuda poderia manter justiça em suas gentes; logo, se um povo ou algum homem é contra o mandamento do rei ou do príncipe, **convém que os cavaleiros ajudem a seu senhor, que é um homem sozinho, assim como qualquer outro homem.** Logo, o cavaleiro malvado que antes ajuda o povo que a seu senhor, ou que quer ser senhor e quer despossuir seu senhor, não segue o ofício pelo qual é chamado cavaleiro. (RAMON LLULL, 1998-2024 – Cap.II).

Na lista de virtudes e deveres do cavaleiro, não basta ser eleito e escolhido dentre milhares de pessoas, como descrito no capítulo I, 2, “Do Começo de Cavalaria”, d’*O Livro da Ordem da Cavalaria*, na tradução de Ricardo da Costa: “E por isso, de todo o povo foram eleitos feitos milenaristas e de cada mil foi eleito e escolhido um homem, mais amável, mais sábio, mais leal e mais forte, e com mais nobre coragem, com mais ensinamentos e de bons modos que todos os outros”. O que decreta o caráter de um cavaleiro é o seu ofício, porque:

O ofício de cavaleiro é o fim e a intenção pela qual começou a ordem de cavalaria.[...].

O ofício de cavaleiro é manter e defender a santa fé católica, pela qual Deus Pai enviou seu Filho a encarnar na gloriosa Virgem Nossa Senhora Santa Maria [...]. Ora, assim como Nosso Senhor escolheu clérigos para manter a santa fé [...] assim o Deus da glória escolheu cavaleiros que pela força das armas vencem e submetem os infiéis que todos os dias pugnam pela destruição da santa igreja. **Por isso Deus honra neste mundo e no outro estes cavaleiros que mantêm e defendem o ofício de Deus, e a fé pela qual nos havemos de salvar.** (RAMON LLULL, 1998-2024 – Cap.II).

4.1.2 Combater em nome de Deus

Tanto Galaaz quanto Oliveiros possuíam o ofício de cavaleiro. Eles combatiam em nome de Deus e se apresentaram como guerreiro aprovado na defesa da corte, do reino e da própria humanidade. O juramento de lealdade ao seu senhor, o banho ritual, a unção com óleo sagrado, a vestimenta com a armadura e a cerimônia de investidura faziam parte dos rituais de iniciação de ambos os cavaleiros medievais. A seguir, os recortes extraídos d’*A Demanda do Santo Graal* e d’*A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás* descrevem a submissão ao sagrado, à igreja e ao compromisso com os códigos da Ordem da Cavalaria:

E então foi a Galaaz e deu-lhe o maior golpe que pôde, mas o elmo era bom e não lhe fez mal; e Galaaz, que não podia assim afastar-se dele, alçou a espada, que era boa, e feriu-o tão violentamente que lhe fendeu o elmo e o escudo pelo meio, e Dalidesque o não pôde suportar, caiu em terra desmaiado e saiu-lhe o sangue pelas narinas e pela boca, porque ficou quebrantado do golpe e da queda. **E Dondinax, quando o viu jazer em terra, disse a Galaaz:**

- Senhor, que esperais? Descei e cortai-lhe a cabeça e livrar-nos-eis dele, porque mais orgulhoso nunca vi no mundo.

E Galaaz disse:

- Se Deus quiser, não porei mais a mão nele, porque matar tal cavaleiro seria a maior maldade do mundo. Mas vamo-nos daqui, porque eu não quisera fazer tanto quanto fiz. (A DEMANDA do Santo Graal, 1988, p.59).

Combater em nome de Deus requer do cavaleiro disciplina e obediência aos dogmas da Santa Fé. O excerto acima traduz o contraste entre o cavaleiro imbatível e o cavaleiro cristão, defensor da igreja, dos fracos e dos oprimidos. Como ferir e matar alguém sem motivos? Momento difícil para Galaaz, já que ele deveria garantir a justiça no reino e sua consciência rejeitava possíveis excessos na execução de seu ofício. Dalides só provocou a batalha por arrogância, duvidando das habilidades do Vassalo de Deus:

Dalides olhava ainda Galaaz, porque o prezava de formosura sobre todos os cavaleiros que alguma vez vira, **mas não podia acreditar que tão bom cavaleiro era**, como Dondinax dissera, porque não tinha tal corpo e tal rosto, e dizia em seu íntimo:

- Assim Deus me valha, não vejo nele tal coisa por que o não cuidasse vencer. Assim dizia Dalides no íntimo de seu coração. (A DEMANDA do Santo Graal, 1988, p.57).

Já o trecho abaixo denuncia a intenção de Oliveiros combater em nome de Deus (“*pois eu tinha combatido / para Ele defender*”), caindo por terra a suposição de que o cavaleiro lutou com Ferrabrás por causa da desobediência de Roldão (**A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás** – Barros, 1933, p.7) e também pelas ofensas do turco aos Doze Pares de França (**A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás** – Barros, 1933, p.7). Reflete-se “o coração muito leal, e vontade,

que sempre teve de empregar as suas forças contra os Infiéis, pela Fé de Jesus Christo [...]” (A HISTÓRIA do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França, 1863, p.48).

Quero que fiques sabendo
 Que existe um Deus que nos cria!
 Sua força e energia
 É como aqui tu estás vendo:
 Vim aqui quase morrendo,
 Todo chagado e ferido,
Pois eu tinha combatido
Para Ele defender –
 Sem teu bálsamo beber,
 Fui de Deus favorecido!
 (A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás – Barros, 1933, p.14).

4.1.3 Conversão em meio à luta

Em meio à luta, nossos heróis vestiram a armadura de Deus para cumprir o compromisso de expandir o poderio da igreja, afinal foram defensores da Santa Fé. Como cavaleiros que meneiam bem suas espadas, Galaaz e Oliveiros combateram no plano terreno e espiritual, fazendo seus inimigos (mulçumano/turco – marcas do paganismo no medievo) se converterem ao cristianismo, como nos trechos abaixo:

- Eu vos digo, disse Galaaz, que se quiserdes deixar vossa lei e receberdes o batismo, vos perdoarei quanto queixume de vós tenho e me tornarei vosso vassalo, de modo que, em qualquer lugar onde, a partir daqui me achardes, me podereis meter em qualquer perigo para vosso corpo defender.
 Quando **Palamades** isto ouviu, disse:
 - Pois deixai-me, e eu fazer quero o que me rogais e o acordo que me fizestes; e sabeis que nunca tive maior vontade de nada no mundo, como de agora receber o batismo e crer na santa lei de Jesus Cristo, primeiramente porque lhe prometi e depois por vosso rogo. (A DEMANDA do Santo Graal, 1988, p.320).

— Nobre e grande cavaleiro!
Disse o turco, arrependido.
Agora estou convencido
Que teu Deus é verdadeiro,
 Grande, bom e justiceiro,
 Ente de grande mister —
 Faz tudo quanto Ele quer,
 NEle não ha quem O pise!
Te peço que me batize —
 Depois faça o que quiser!
 (A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás – Barros, 1933, p.15).

Ainda sobre os recortes supracitados, é curioso observar que nas duas obras houve um lugar de destaque para os heróis pagãos (Palamedes e Ferrabrás), sendo contrapontos para a ideologia cristã da época. Tal destaque realçou o domínio de Deus no mundo dos “pobres

mortais”, pois somente Ele era onipotente, onipresente e onisciente.

4.1.4 A intervenção do autor

É muito curioso o efeito que provoca a interação autor/público leitor/obra. Em *História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França* (A HISTÓRIA do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França, 1863), por exemplo, no capítulo IV, do Segundo Livro, páginas 26 e 27, o desentendimento entre Carlos Magno e seu sobrinho Roldão motivou a intervenção do autor, repreendendo-os pela contenda. Para isso, retomou o dito do Filósofo “-*Vindictam diferes, donee pertranseat furor tuus.*” (“não deve nenhuma pessoa vingar-se, até que lhe passe a ira, e paixão”), e Eclesiastes, capítulo 10: “*Nihil agas in operi businjurie*” (“não se deve injuriar a nenhuma pessoa”).

O autor transformou-se em um personagem que deteve a sabedoria acima do próprio Imperador, considerado homem de grandes virtudes e sábio. Em segundo plano, exortou Roldão a tratar com honra e paciência aos mais velhos. O autor se tornou o mediador da discórdia entre tio e sobrinho e, ao finalizar, retomou a fragilidade humana, a qual transcendeu a linhagem nobre. Essa obra serviu de texto matriz para Leandro Gomes de Barros, que recontou em versos essa lenda vivida pelo Nordeste “medieval”.

Cabe ressaltar que a história de Carlos Magno inspirou o cordelista que, de forma genial, adequou uma obra clássica à realidade do Nordeste brasileiro, com uma linguagem simples e extrovertida, capaz de transportar o sertanejo de seu “universo” para o ambiente de lutas lendárias do medievo, provocando seu autorreconhecimento na imagem do nobre ou do valente guerreiro medieval.

Sobre o leitor, o cordelista convida-o a participar do combate e descreve o pedido de desculpas pela morte do cavalo de Oliveiros. Ferrabrás sabe qual é a Ordem dos Cavaleiros: a educação é ação vinda dos grandes guerreiros.

— Turco, estás bem montado
 E o **meu cavalo morreu!** Ferrabrás lhe respondeu: —
 Mas eu não fui o culpado!
 Não ficarás desmontado,
Eu sei a ordem qual é!
 Não desanimes da fé;
 Eu fui quem matou o teu,
 Agora montas no meu —
 Eu vou pelejar a pé!
 [...]
Eu agora me lembrei

Da falta que cometi —
 Mas foi porque me esqueci,
 Por isso não relatei.
Porém sempre falarei.
Para o leitor se agradar —
 Quem sabe, há de se lembrar.
 Na luta dos cavaleiros,
O cavalo de Oliveiros,
 Quando quis desembestar.
 (A **Batalha de Oliveiros com Ferrabrás** – Barros, 1933, p.12).

Semelhantemente, na *DSG*, o autor conversa com o leitor, mas em tom imperativo:

Então rogou ao homem bom, que o recebeu em sua companhia. Deste modo como vos digo, ficou Gilfrete com aquele homem bom e serviu a Deus na capela Veira e levou vida muito santa e boa.

Mas ora **deixa o conto a falar de rei Artur e da morte de Gilfrete, para contar de Lancelote e dos filhos de Morderete.** (A DEMANDA do Santo Graal, 1988, p.378).

Aquele dia mesmo passou a rainha Genevra e a donzela cumpriu sua ordem, mas não achou Lancelote e por isso não deu cabo a tudo que a rainha mandara.

Mas ora deixa o conto a falar dela e torna a Lancelote e aos filhos de Morderete. (A DEMANDA do Santo Graal, 1988, p.381).

4.1.5 Elementos extraordinários

As narrativas foram marcadas pelo sobrenatural, transportando o homem para outra dimensão. A intervenção divina provocou uma evolução gradativa dos acontecimentos, mas marcante no sentido de destacar as aventuras como “maravilhosas”. Portanto:

[...] a experiência do maravilhoso é uma reação de espanto face à inapreensibilidade do significado do acontecimento, reflexo do deslumbramento diante de um inexplicável incorporado àquele universo, estabelecendo simultaneamente uma relação de estranhamento e de cumplicidade. (Ferretti, 1994, p.138).

Em *A Demanda do Santo Graal*, a busca pelo cálice sagrado suscitou uma atmosfera de mistério e exigiu dos cavaleiros o exercício da fé, heroísmo, castidade e obediência a Deus, a fim de garantir a graça de ver o Graal. Magia ou milagre? Os dois. O paganismo da cultura celta, ainda, era pulverizado na sociedade medieval e o *maravilhoso* manifestou-se de forma contundente na luta do Bem contra o Mal.

Pode-se citar duas importantes intervenções ocasionadas por magia: a primeira, a concepção de Artur, filho bastardo, fruto da relação extraconjugal entre o rei Uther Pendragon e a duquesa Ingraine, esposa de Galois. Completamente apaixonado por Ingraine, Pendragon pediu para que o Mago Merlin modificasse toda sua aparência e o deixasse igual a Galois. Sendo

assim, ela iria confundi-lo com o seu marido, que morreu na batalha. Em troca, Pendragon deixaria que seu filho fosse educado por Merlin.

A segunda, refere-se, também, à própria concepção de Galaaz. Por encantamento, Lancelote coabitou com a filha do Guardião do Graal, rei Pelles, imaginando estar com Genevra, a qual gerou um filho que será digno de contemplar a revelação do Vaso Sagrado.

Outra passagem relativa à magia está na figura da Besta Ladradora, fruto da relação sexual entre a donzela, filha do rei Hipômenes, e o demônio. A donzela praticava a necromancia e o incesto, pecados graves para a igreja. Ela cultivava uma paixão doentia por seu irmão, morto por não a corresponder. Como queria se vingar do irmão, aceitou deitar-se com o demônio, nascendo tal “coisa horrenda”:

E ao nascimento do que trazes, aparecerá que não foi de mim, porque nunca de homem e de mulher **nasceu tão maravilhosa coisa como de ti sairá; porque diabo o fez e diabo trazes e diabo sairá em figura da besta mais descomunal que nunca se viu.** E porque a cães me fazes dar, terá aquela besta dentro de si cães que sempre ladrarão em lembrança e em memória dos cães a que me fazes dar. E aquela besta fará muito dano em homens bons, e nunca deixará de fazer mal até que o bom cavaleiro, que terá nome Galaaz como eu, esteja nesta caça. Por ele e por sua vinda, morrerá o doloroso fruto que de ti sairá. [...] **E as mulheres que estavam com ela em seu parto, quando cuidaram achar filho, acharam a mais descomunal besta e a mais desgraçada como já ouvistes, e tiveram pavor tão grande que todas morreram, menos ela e outra mulher.** E a besta foi assim, que não houve quem no paço e no castelo, a pudesse segurar, e ia soltando os maiores ladridos do mundo. (A DEMANDA do Santo Graal, 1988, p.343).

A *DSG* apresenta inúmeros episódios entorno da magia e isso trouxe contraste entre o puro e o impuro, o cristão e o pagão. Numa dinamicidade própria das aventuras dos Cavaleiros da Távola Redonda, a busca pelo Graal desencadeou o surgimento de vários fatos que perpassaram o domínio do maravilhoso. Essa atmosfera foi de suma importância na construção da identidade desses guerreiros, das habilidades e da sabedoria divina para o enfrentamento das provações com êxito. Os trechos a seguir elucidarão alguns eventos milagrosos, os quais ratificam o Espírito sublime de Galaaz:

Então foi à câmara onde a mulher estava e acharam-na ainda nas correntes. E assim que ela viu Galaaz, começou a dizer:

- Ai, Galaaz! **santa pessoa e bem-aventurado corpo, limpa carne e cheia de santa graça, abençoada seja a hora que nasceste e bendito seja Deus que aqui te trouxe,** pois por tua vinda me aconteceu tão grande bem, que **estou livre do mau companheiro que tinha, e longamente esteve comigo. Este foi o diabo que dois anos me teve e mais e a mim tem feito muito mal.** Livra-me, se te apraz, que destas correntes, porque, se deus quiser, não haverá mister jamais nelas que metam, graças a Deus e a vós.

E Galaaz agradeceu muito a Nosso Senhor e disse:

- **Ai mulher! A mim não agradeçais, mas a Jesus Cristo, que vos isto fez, que tem pena dos pecadores quando lhe apraz.** (A DEMANDA do Santo Graal,

1988, p.229).

Este excerto descreve a cura milagrosa de uma mulher nobre, que há dois anos ensandeceu, severamente, e por isso foi acorrentada. A ação de Galaaaz se assemelhou a do próprio Cristo. O “Eleito” expulsou o demônio e curou a mulher enferma como ocorreu Sagradas Escrituras:

¹⁹ E Jesus, levantando-se, seguiu-o, e os seus discípulos também. ²⁰ E eis que **uma mulher que havia já doze anos padecia de um fluxo de sangue, chegando por detrás dele, tocou a orla da sua veste,** ²¹ porque dizia consigo: Se eu tão somente tocar a sua veste, ficarei sã. ²² **E Jesus, voltando-se e vendo-a, disse: Tem ânimo, filha, a tua fé te salvou. E imediatamente a mulher ficou sã.** (MATEUS 9:19-22 - BÍBLIA Online, [s.d.]

Na passagem abaixo, a mansão celestial foi apresentada à Galaaaz, o Paraíso, local que seria desfrutado pelos bem-aventurados, na presença dos anjos e daqueles que acreditavam na onipotência, onisciência e onipresença de Nosso Senhor Jesus Cristo. Novamente, outro elemento extraordinário apareceu, a “santa voz”.

Aquela hora que vimos uma parte das maravilhas do santo Graal, que deus nos mostrou por sua piedade, **vi umas coisas maravilhosas escondidas, que não são mostradas a qualquer pessoa. E vi tais coisas que língua não poderia contar nem coração sentir,** e meu coração ficou em tão grande alegria e tão grande prazer, que, se então morresse, nunca alguém teria morrido em tão grande prazer como eu, **porque vi tão grande companhia de anjos e tantas coisas espirituais, que, se então morresse, iria logo para perdurável vida dos gloriosos mártires e dos verdadeiros amigos de Nosso Senhor.** E por isso fazia o rogo que ouvistes. E por isso ando ainda em tal estado que morro, vendo as maravilhas do santo Graal.

Deste modo revelou Galaaaz sua morte a Persival como havia de ser, como lhe ensinou **a santa voz.** (A DEMANDA do Santo Graal, 1988, p.346).

Por outro lado, em *A Batalha Oliveiros com Ferrabrás*, o maravilhoso ocorreu durante a peleja. Oliveiros estava muito ferido e Ferrabrás o aconselhou a se retirar da batalha para curar suas feridas ou beber do Bálsamo que Cristo foi ungido; o mesmo Bálsamo que o turco saqueou em Jerusalém (o que provoca o extraordinário). Não respeitando ninguém – até apóstolo matou! (Barros, 1933, p.6). O Bálsamo era a porção milagrosa para salvar Oliveiros e assim, continuar o combate com Ferrabrás. O turco queria igualdade de condições no duelo, pois para ele a situação de Oliveiros o rebaixaria no campo das armas; no mínimo, seria um covarde.

Contudo, após inúmeros golpes de espadas e escudos em pedaços, Oliveiros acaba bebendo o Bálsamo e o que sobrou, despejou no rio. Então, novamente, por meio da ação divina, garantiu a cura de suas chagas, retomando a investida:

Cobriu-se com seu escudo,

Beijou a cruz da espada

E deu uma cutelada,
 Que desceu arnês e tudo.
 E, dando outra a miúdo,
 A Ferrabrás ofendeu.
 O céu o favoreceu:

**Um revés escapuliu,
 O bálsamo dele caiu
 E Oliveiros bebeu.**

(**A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás** – Barros, 1933, p.11).

O beijo na espada sacramentou o ritual de proteção da Trindade, mas o embate continuou até que Oliveiros, de maneira extraordinária, reverteu a situação. Com o contra-ataque, o turco rendeu-se ao “[...] Deus de Israel, / Que foi, que é, que há de ser!” (**A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás** – Barros, 1933, p.15).

Outro elemento comum ao referido cordel e ao seu texto matriz é a figura do demônio, protagonista do afastamento do homem da graça divina. Na Demanda, esse personagem colocava em “cheque” a fé, a obediência à igreja e aos códigos da Ordem. Ele foi o contraponto importante para conduzir os possíveis eleitos ao *status* de bem-aventurados, fiéis e aprovados.

Deixa os ídolos que adoras
 E crê na Virgem Maria!
 Crê num Deus que nos cria,
 Julga tudo em uma hora!
 Bota estas ilusões fora,
Que o demônio não te pise!
 Pede a Jesus que te avise,
 Abraça a religião,
 Pede das culpas perdão,
 Crê em Deus, e se batize!”

(**A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás** – Barros, 1933 p.15).

— Turco, simplesmente fallas em dizer-me que deixe ao Creador do Ceo, e da terra, por adorar hum falso Idolo de ouro, ou prata, feito por mãos de homens. Isso só fazemos cegos do entendimento, aos quaes traz o **demonio** enganados, como te traz a ti, e aos teus; e deixemos razões, vamos á batalha. (A HISTÓRIA do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França, 1863, p.42).

4.2 DESSEMELHANÇAS

4.2.1 Novela de Cavalaria e Cordel

Escrita em prosa, a novela de cavalaria *A Demanda do Santo Graal* representou o gênero narrativo da Era Medieval, pertencente ao Ciclo Arturiano. O cavaleiro da *Demanda* era diferente do Cavaleiro da Corte, geralmente galanteador e sedutor; envolvido em relacionamentos

clandestinos, dividia-se entre os prazeres carnais e os combates em defesa do reino. Como mencionado anteriormente, as aventuras guerreiras eram voltadas para a defesa da fé e da honra cristãs.

Entretanto, a dualidade existiu em virtude da fusão do imaginário cristão com o celta e o Ciclo Arturiano destacou-se com a lendária busca do Santo Graal e com a atuação dos lendários Cavaleiros da Távola Redonda. A narrativa extensa e dividida em capítulos, a alegoria religiosa, os temas heroicos e mitológicos e as aventuras fantásticas foram aspectos presentes na *DSG*. E qual foi a motivação para a existência dessas novelas de cavalaria?

Como nos duelos os campeões estivessem armados de todas as peças, e como, com arma pesadas, ofensivas e defensivas, as de certa têmpera e de certa força representassem vantagens infinitas, **a crença em armas encantadas de alguns combatentes deve ter transformado o juízo de muita gente. Disso nasceu o maravilhoso sistema de cavalaria. Todos os espíritos abriram-se para essas idéias.** Viram-se, nos romances, paladinos, necromantes, fadas, cavalos alados ou dotados de inteligência, homens invisíveis ou invulneráveis, mágicos que se interessavam pelo nascimento e pela educação de grandes personagens, e ainda palácio encantados e desencantados; **em nosso mundo, um mundo novo; e o curso da natureza deixado somente para os homens comuns.** Paladinos sempre armados em uma parte do mundo cheia de castelos, de fortaleza e malfeitores, consideravam uma honra punir a injustiça e defender os fracos. Disso nasceu ainda, nos romances, **a galanteria, fundada na idéia do amor ligada à de força e de proteção** (Montesquieu, 1979, p.434).

Já em *A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás* identificou-se a adaptação com base nas histórias de Carlos Magno e seus Pares. De maneira criativa, ao repensar e reconstruir ideias, imagens e linguagem do medievo, Leandro Gomes de Barros trouxe para a realidade do nordestino valores e ideais, que sobreviveram através dos séculos.

No cordel, o cangaceiro é o herói por excelência, misto de bandido, criminoso e lutador pela justiça no sertão nordestino. Nas obras cordelianas contemporâneas, é visto como o tipo heroico legítimo, maior do que a vida, verdadeiro “cavaleiro do sertão”, com as cintas repletas de balas, o rifle “papo-amarelo” (winchester 44), o revólver e o facão. É conhecido pelos epítetos: Rei do Cangaço, Rei do Sertão, Terror do Nordeste, Rifle de Ouro, Leão do Norte, e no caso do célebre Lampião, Galo Cego. **Trata-se da variante folclórica moderna do cavaleiro medieval, seguindo o modelo cordeliano extraído das histórias de *Carlos Magno e seus pares*, [...]** (Curran, 2001, p.61).

Outro ponto interessante refere-se ao público que teve acesso às histórias do Imperador e de seus Paladinos. A divulgação das antigas edições portuguesas ocorreu de forma intensa nas zonas rurais, conservando a memória dos heróis da epopeia francesa medieval no sertão brasileiro. Na realidade, o sertanejo não desejava ser lembrado apenas por sua virilidade, mas pelo zelo à honra, à bondade e pela vassalagem amorosa a sua senhora. Com os cordéis, o

sertanejo ratificou a cultura, os valores e as crenças que representaram a sociedade do medievo nordestino.

4.2.2 Linguagem arcaica versus linguagem popular

Em virtude da acessibilidade aos textos relativos às versões da *DSG* e às versões propriamente ditas, a linguagem apresentou-se arcaica e erudita com limitações decorrentes da montagem multilíngue de recortes de diversas proveniências. Todavia, graças ao professor Heitor Megale que, com maestria, preservou a legitimidade do texto, a obra pode ser lida, com fluência, por aqueles com interesse na literatura medieval. Não mais é privilégio de filólogos ou de conhecedores do português arcaico. A narrativa em prosa, composta por capítulos e por um glossário, descreve a saga da demanda do Vaso Sagrado com riqueza de detalhes.

Apesar da versão de Megale, observa-se a vasta presença de orações em ordem direta e indireta; o rico emprego dos tempos verbais no infinitivo, indicativo, subjuntivo e imperativo. Curioso verificar que os verbos estão, em sua maioria, flexionados na 2ª pessoa do singular e do plural, com os respectivos pronomes reto e oblíquo (tu/te/ti/contigo/vós/vos/convosco), geralmente, destinados à nobreza e ao clero. Substantivos, concretos e abstratos (efeito oposição entre a realidade e o extraordinário); advérbios, em especial de tempo (marcador da evolução dos acontecimentos); e adjetivos (bem-aventurado, mal-aventurado, desventurado, entre outros).

704. Naquela hora que rei Mars isto fez, veio a ele um cavaleiro de Cornualha, que sempre desamara rei Artur e a linhagem de rei Bam, e disse-lhe:

- Senhor, nada tereis feito, se não matardes rei Boorz e Bliobleris e o arcebispo de Cantuária e Meraugis; aqueles foram da tábua redonda e vivem nesta terra, e se vos escapam, buscarão gente com que vos farão muito mal a vós e a todos os do vosso lado.

E o rei lhe perguntou onde estavam. E ele lhe contou todos os feitos dos quatro cavaleiros.

- Isto não há mister, disse rei Mars; nestes convém que vingue minha sanha. Agora cuidai de os buscar, e a quem até eles me levar, darei tal riqueza, que se terá por bem recompensado. (A DEMANDA do Santo Graal, 1988, p.387).

No exemplo abaixo, o substantivo abstrato “voz” (elemento extraordinário) trouxe à existência/realidade a concretização do ato de coroação de Galaaz. A ordem de colocar a coroa em sua cabeça foi dada pela voz do sobrenatural, promovendo o efeito contrastante entre os substantivos abstrato e o concreto.

[...] disse-lhes uma **voz**: “Pegai o maior dos três cavaleiros estrangeiros, o qual vos guardará e manterá bem, enquanto estiver convosco.”

E eles cumpriram a ordem da voz, e pegaram Galaaz, querendo ou não, e fizeram-no rei, e puseram-lhe a coroa na cabeça, querendo ou não e desagradando-lhe muito, mas porque viu que o queriam matar se o não fizesse, concordou, e depois que foi rei, fez fazer sobre a mesa, onde o santo Graal estava, uma abóbada de ouro e de pedras preciosas tão ricas, que nunca alguém viu tanto. E Galaaz e os outros, cada vez que se levantavam, iam ao santo Vaso e ficavam de joelhos diante dele e faziam suas orações e suas preces.

Já por meio da reescrita de textos do ciclo carolíngio, os poetas da literatura de cordel recontam, à sua maneira, os feitos heroicos dos cavaleiros de Carlos Magno, empregando uma linguagem popular. O texto é mais cantado do que contado e a pulsação do ritmo é determinante para seduzir o público em seus versos. O poema *A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás* possui cento e uma estrofes, todas compostas de dez versos de sete sílabas (martelos), além do esquema de rimas A B B A A C C D D C. Escrita por João Gomes de Barros, em seus primeiros versos, o poeta enalteceu os Doze Pares de França por serem imbatíveis e corajosos, utilizando a metáfora “leões cruéis”; ou melhor, “Leões da Igreja”, descrição heroica dos cavaleiros:

E/ram/ do/ze /ca/va/ <u>l</u> hei(ros),	A
Ho/mens/ mui/to/ va/lo/ <u>r</u> o(sos).	B
Des/te/mi/do/s e a/ni/ <u>m</u> o(sos)	B
En/tre/ to/do/s os/ guer/ <u>r</u> ei(ros).	A
Co/mo/ bem/ fos/se O/li/ <u>v</u> ei(ros),	A
Um/ dos/ Pa/res/ de/ fi/ <u>a</u> n(ça),	C
Que/ su/a/ per/se/ve/ <u>r</u> an(ça)	C
Ven/ceu/ to/do/s os in/fi/ <u>e</u> is/ —	D
E/ram/ uns/ Le/ões/ cru/éis/	D
Os/ Do/ze/ Pa/res/ de/ Fran/(ça)!	C
Pe/los/ Le/ões/ da/ I/gre(ja),	B
Pois/nun/ca/ fo/ram a/ pe/ <u>l</u> e(ja)	B
Que/ ne/la/ fos/sem/ ven/ <u>c</u> i(dos).	A
E/ram/ por/ tur/cos/ te/ <u>m</u> i(dos).	A
Pe/la I/gre/ja/ es/ti/ <u>m</u> a(dos),	C
Por/que/, quan/do es/ta/vam ar/ <u>m</u> a(dos),	C
Su/a/s es/pa/das /lu/ <u>z</u> i (am)	D
E o/s i/ni/mi/gos/ di/ <u>z</u> i (am):	D
— Es/ses/são/ en/di/a/ <u>b</u> ra (dos)!”	C

(*A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás* – Barros, 1933, p.5).

Além do constante tema religioso, a narrativa é combativa, incisiva, direta e o verbo se faz marcante no verso, realçando o embate entre espadas ao ar, pois “*Só se ouvia eram tinir/ As espadas pelo ar.*” (Barros, 1933, p.11). A adjetivação é discreta e a estrutura sintática não é complexa. Já em “*A força, a coragem, o jogo - / A batalha, a ferro e a fogo, / Seja feliz quem ganhar.*” (Barros, 1933, p.13), os substantivos potencializam a dificuldade do duelo e remetem o leitor à expressão do romance *Quincas Borba*, de Machado de Assis: “*Ao vencido, o ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas.*”; ou seja, na luta pela sobrevivência, quem vence é o mais forte. Essa, também, é a realidade do sertão, da caatinga, sob o sol a pino. O cordelista empregou

o modo de viver e agir do nordestino, descrevendo o seu manejo peculiar na figura de Oliveiros.

4.2.3 A presença e ausência da figura feminina

N' *A Demanda do Santo Graal*, a figura feminina foi marcada pela misoginia, por sintetizar a figura do diabo e, assim, provocar o desvio do homem do caminho da santificação. A visão eclesiástica desenhou uma imagem estereotipada da mulher, em virtude das influências célticas (substrato), porque ela tinha amplo poder de atuação entre os celtas.

As mulheres entre os celtas participavam, com direitos iguais aos dos homens, da vida política, social, guerreira e religiosa. Possuíam suas terras e podiam cultivá-las ou criar gado. Podiam ser eleitas reis, como qualquer homem, mas se eram apenas as rainhas não ficavam excluídas da participação política, do comando ou mesmo dos lucros obtidos nos saques ou multas. (Barros, 2001, p.50).

Assim, na contramão dos objetivos da igreja, a mulher representava um embaraço para a igreja, pois impedia os Cavaleiros de Cristo de alcançar a santificação. De antemão, a mulher era considerada inferior ao homem e provocou o pecado original por meio de Eva, criada a partir da costela de Adão. Somente os puros de corpo e Espírito poderiam desfrutar das maravilhas do Santo Cálice e muitos desses cavaleiros não conseguiram sublimar os desejos carnavais.

Agravou-se, então, a transgressão pelo fato de não haver uma versão única do feminino, uma vez que ela era a protagonista do caminho da perdição. Os perfis eram variados: ora santas, ora demoníacas e, por último, dicotômicas; ou seja, assumem para si uma personalidade dupla, santo-demoníaca. A seguir, os trechos exemplificarão as multiformes da figura feminina n' *A Demanda*:

→ **A mulher santa, comparada à Virgem Maria (a irmã de Percival morre para salvar a leprosa)**

- Por Deus, disse ela, **se eu morrer por curá-la é honra para mim e para minha linhagem.** E se por outra razão não o fizesse, devia fazê-lo por vós e por eles, porque se amanhã vos ajuntais na batalha como hoje fizestes, não pode ser que maior dano não sobrevenha, porque será a minha morte. E por isso quero fazer o que eles querem, de modo que se acabe esta batalha.[...]. E depois disse à dona:

- **Estou morta por vos curar. Por Deus, rogai por minha alma.** [...]

- **Irmão Persival, morro por saúde desta dona.** Rogo-vos que me não soterreis, mas logo que estiver morta, levai-me ao porto do mar que daqui achardes mais perto e metei-me numa barqueta e deixai-me ir como a ventura me queira guiar. [...] Então fazei isto por mim e por vossa honra: fazei-me soterrar no Paço Espiritual. E sabeis por que vos rogo? Porque dom Galaz há de jazer lá soterrado e vós, irmão,

também. (A DEMANDA do Santo Graal, 1988, p.248).

→ A mulher demoníaca (a donzela grega - pagã)

[...] **vem do céu um tão grande ruído** como se fosse trovão, e fez tão grande rebuliço, como se movesse a terra, assim que Persival tremeu todo de pavor, e ergueu-se espantado, e **ouviu uma voz** que dizia: “Ai, Persival, como há aqui tão mau conselho! Deixas toda alegria por toda tristeza, donde te virá todo pesar e toda má ventura.” [...] e caiu esmorecido por terra, e ficou assim muito tempo. E depois acordou e olhou ao redor de si e **viu a donzela rir, porque vira que tivera medo. E quando a viu rir, espantou-se e logo entendeu que era o demo** que lhe aparecera em semelhança de donzela para o enganar e o meter em pecado mortal.

[...] **viu que a donzela se tornou em forma de demo tão feio e tão espantoso**, que não há no mundo ninguém tão valente que o visse, que não houvesse de ter grande medo. Daí aconteceu a Persival que teve tão grande medo, que não soube o que fizesse, senão que disse: - Ai, Jesus Cristo, Pai verdadeiro, Senhor, fica comigo. (A DEMANDA do Santo Graal, 1988, p.155).

→ A mulher santo-demoníaca (Morgana, a fada)

Depois desta visão, viu outra muito maravilhosa, que lhe parecia que via diante de si **Morgana, irmã de rei Artur, muito feia e muito espantosa, tanto que bem lhe parecia que então saíra do inferno; e não trazia vestimenta nenhuma do mundo, fora uma pele de lobo que a cobria muito mal.** Ela gemia tão doridamente, como se estivesse ferida. E Lancelote, que bem a conhecia por Morgana, **olhou-a e viu que andavam em sua companhia mais de mil diabos e cada um punha a mão nela para a pegar melhor.** (A DEMANDA do Santo Graal, 1988, p.126).

Todavia, Morgana resgata sua identidade ao levar Artur, seu meio-irmão e maior adversário, à ilha de Avalon, ilha das fadas, para cuidar dos ferimentos mortais, causados por seu filho Morderete.

A barca aportou diante do rei Artur e as mulheres saíram e dirigiram se ao rei. E andava entre elas Morgana, a fada, irmã de rei Artur, que dirigiu-se ao rei com todas aquelas mulheres que trazia, e rogou-lhe então muito, que, por seu rogo, teve o rei que entrar na sua barca. E depois que estava dentro, fez meter lá seu cavalo e todas as suas armas; **depois começou a barca a ir pelo mar com ele e com as mulheres, em tal hora, que não houve depois cavaleiro nem outrem no reino de Logres que dissesse depois, com certeza, que o tivesse visto.** Quando Gilfrete, que estava no outeiro, viu que o rei entrara na barca com as mulheres, [...] E quando chegou ao mar, a barca estava já afastada da praia e viu o rei entre as mulheres e reconheceu bem Morgana, a fada, porque muitas vezes a vira. E a barca estava da praia tanto como um lance de besta. E quando Gilfrete viu que assim perdera o rei, começou a fazer o maior pranto do mundo [...]. (A DEMANDA do Santo Graal, 1988, p.377).

Não houve vestígios do corpo mortal do rei Artur... Morgana ofereceu-lhe a morte e, também, a vida eterna em Avalon.

Então foi Gilfrete ao túmulo, estando diante dele o homem bom. Então mandou erguer a lápide e quando olhou dentro, nada viu, senão o elmo de rei Artur, aquele mesmo que trouxera na dolorosa batalha. **Quando viu que o corpo do rei não estava lá, mostrou ao homem bom o túmulo vazio e disse-lhe:**

- **Aqui não jaz meu senhor, quero que sejais testemunha.** E tornou a lápide sobre o túmulo, como antes estava; depois perguntou outra vez:

- **Vistes aqui meter bem o corpo de meu senhor?**

- Por Deus, disse o homem bom, metem os aí um corpo e as mulheres me fizeram saber que era rei Artur. Outra verdade não vos saberia dizer a respeito.

- Assim? disse Gilfrete; em vão me esforçarei por perguntar como rei Artur morreu. **Verdadeiramente, este é o rei venturoso, cuja morte ninguém saberá; e disse bema verdade, que como veio ao reino de Logres porventura, assim se foi eleporventura.** (A DEMANDA do Santo Graal, 1988, 378).

Em *A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás*, a figura feminina aparece santificada na metáfora da Virgem Maria. A igreja promoveu a invisibilidade da mulher comum e apresentou a mulher idealizada nos moldes da nova ordem social cristã. A natureza pecaminosa da mulher foi suprimida, ao enaltecer a santidade da mãe de Deus, símbolo de pureza e santificação. O sublime mistério da Virgem Maria não se refere a sua virgindade, mas a sua gestação e parto simbólicos. A “santa mulher”, casta e fiel, encontrou seu lugar de destaque nos momentos de peleja e de conversão do pecador. Na primeira estrofe, Oliveiros, cavaleiro cristão, pede à Maria, Pia e sagrada, que interceda a Cristo por proteção na batalha. Na segunda, Oliveiros aconselha o turco a largar seus deuses pagãos e a se batizar, o que projeta o anseio da santa igreja.

Beijou a cruz da espada,
 Prosseguiu numa oração:
 — **Ó Virgem da Conceição,
 Maria Pia e Sagrada!
 Mãe de Deus, Imaculada,**
 Esposa casta e fiel !
 Pelo vinagre e o fel
 Que Cristo bebeu na cruz,
**Rogai por mim a Jesus,
 Nesta batalha cruel !**
 (A *Batalha de Oliveiros com Ferrabrás* – Barros, 1933, p.10).

Deixa os ídolos que adoras
E crê na Virgem Maria!
Crê num Deus que nos cria,
 Julga tudo em uma hora!
 Bota estas ilusões fora,
 Que o demônio não te pise!
 Pede a Jesus que te avise,
Abraça a religião.
 Pede das culpas perdão,
Crê em Deus, e se batize!
 (A *Batalha de Oliveiros com Ferrabrás* – Barros, 1933, p.15).

Pode-se afirmar que, até hoje, este contexto de fé está enraizado e pertence ao

patrimônio cultural e social do povo nordestino, pois, além da Virgem Santa, a fé em Padre Cícero e em Frei Damião reflete o acolhimento da atuação desse cavaleiro heroico e, acima de tudo, temente a Deus.

5 O CORDEL E A CONTEMPORANEIDADE

O cordel resistiu ao tempo por sua linguagem simples e abordagem marcante de temas sociais como fome, saúde, pobreza, machismo, feminicídio, política, entre outros. Por sua fluidez, o cordel atravessou as camadas sociais por ser um instrumento de mediação e propagação da tradição e dos conhecimentos por meio da oralidade. O que antes pertencia às classes periféricas passou a ser acolhido e escrito por letrados e intelectuais.

As reflexões sobre o mundo em que se está inserido surgem de sua função social, que vai além das denúncias projetadas nas linhas dos versos. Ao se apropriar do contexto social contemporâneo, os cordéis criaram uma identidade direta com o público leitor por transmitir suas histórias, suas impressões sobre fatos e acontecimentos. A arte e a crítica social se mesclam e, às vezes, torna-se imperceptível a diferença entre elas. A partir da escrita, cordelistas retomam suas realidades e convocam leitores à conscientização e ao senso crítico sobre as mazelas sociais, as quais permeiam o cotidiano.

Portanto, o saber local refletia a tradição e ambos perpassavam pelo próprio discurso oficial. A carência de um herói popular, tanto na literatura quanto na memória afetiva dos nordestinos, corporificou uma espécie de cangaceiro e de vaqueiro simbólicos, os quais deram sentido à história nacional e à tradição sertaneja. Os cangaceiros se vestiam com roupas de couro, enfeitadas com fitas coloridas e peças de metal, quase como uma armadura. Esse homem valente e guerreiro defendia igualdade de condições para a população do sertão nordestino. A seca, a fome e a miséria provocaram o surgimento de grupos de cangaceiros, que andavam pelas cidades em busca de justiça e de vingança. Apesar da ambiguidade entre o cangaceiro e Oliveiros, existe um aspecto convergente, a crença na figura heroica. Lampião, por exemplo, foi considerado um herói por muitos sertanejos assim como Oliveiros, único disposto a encarar Ferrabrás.

Já o vaqueiro nordestino, cavaleiro *expert* na arte de captura do gado selvagem da caatinga, é sinônimo de resistência. Ainda hoje, possui uma vida difícil e perigosa, ariscando-se dentro da mata fechada. Galhos e espinhos compõem o cenário da atividade no Semiárido, por isso o uso da roupa de couro. Com perneiras, colete, gibão, bota e chapéu de couro, o vaqueiro nordestino remete à figura do cavaleiro medieval. Galaaaz, o “puro dos puros”, usava uma túnica de lã com farpas e, ao longo da narrativa, recebeu vários objetos que ratificaram sua predileção na procura do Graal, como o escudo branco com a cruz vermelha (em alusão aos

templários e aos Cruzados), a espada da estranha cinta, a espada do Pedrão, entre outros. Pastorear o gado exige coragem e intrepidez para dominar a presa, mas a empreitada se torna exitosa com a bênção de Padre Cícero.

Daí, a importância de compreender que a literatura de cordel não é estanque. Sua versatilidade é traduzida nas inúmeras versões de temas nacionais e internacionais que (re) modelam identidades regionais. Pode-se dizer que por sua polivalência, o cordel captura e projeta uma série de metamorfoses sociais, das quais suscitaram a criação de uma “cartilha do sertanejo”; ou seja, o modo de vida sertanejo, haja vista os vínculos com as culturas africana, indígena, europeia e árabe.

Outro ponto relevante é o recurso pedagógico do cordel em sala de aula. Os usos interdisciplinares desse gênero literário auxiliam na aprendizagem e facilitam a oralização e a produção textual dos alunos, sendo uma ponte para os textos mais complexos (temática e estrutura). O gênero a ser explorado em aula, vai além das disciplinas de português e de literatura. Associar disciplinas como Arte e Ciências, por exemplo, podem desmistificar o processo pedagógico. As aulas devem incitar o caráter investigativo dos alunos para que consigam mobilizar o que aprenderam em situações reais. Suas experiências, enquanto indivíduo e elemento multiplicador de conhecimentos, devem ser estimuladas para adquirirem sua autonomia.

Conforme afirmam Ferreira Neto, Silva e Oliveira sobre Paulo Freire: “O cordel é uma forma de expressão literária que tem raízes profundas no Nordeste. Por sua capacidade de abordar temas cotidianos de forma simples e prazerosa, ele tem um enorme potencial como instrumento de educação popular”. O projeto *Acorda Cordel em Sala de Aula*, conhecido por um livro de mesmo título, é um exemplo de seu uso em sala de aula. (Ferreira Neto; Silva; Oliveira, 2023).

Além disso, com o advento da internet, a divulgação dos cordéis, outrora limitada no espaço e na tiragem dos folhetos, conquistou proeminência nos dias atuais. O refinamento de suas publicações nas plataformas digitais trouxe uma literatura de cordel repaginada e situada no século XXI. Como exemplo disso, o cordel *A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás* ganhou sua versão nas Histórias em Quadrinhos (HQ), excelente instrumento pedagógico para estimular o interesse do público jovem pela leitura e pela cultura.

De forma genial, o cearense Klévisson Viana adaptou um clássico do cordel para a linguagem em quadrinhos com ilustrações de Eduardo Azevedo (figuras abaixo). Por reconhecimento de seu trabalho inédito, Klévisson recebeu o Prêmio Luiz Sá de Quadrinhos.

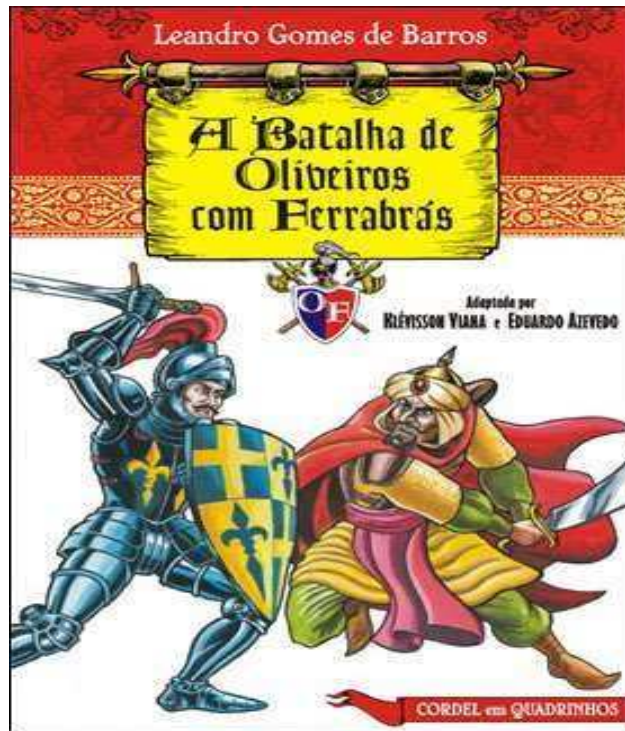
Figura 1 – Klévisson Viana



Foto: Érika Fonseca.

Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/feira-do-cordel-brasileiro-traz-atraco-es-com-programacao-gratuita-1.2161627>. Acesso em: 22 set. 2024.

Figura 2 – Capa *A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás* em HQ



Disponível em: <https://universohq.com/noticias/a-batalha-de-oliveiros-com-ferrabras-cordel-classico-em-quadrinhos/>. Acesso em: 20 set. 2024.

Figura 3 – Introdução: Apresentação do Imperador Carlos Magno (ao centro) e os Doze Pares de França, “Os Leões da Igreja”



Disponível em: <https://universohq.com/noticias/a-batalha-de-oliveiros-com-ferrabras-cordel-classico-em-quadrinhos/>. Acesso em: 20 set. 2024.

Figura 4 – Deboche de Ferrabrás: “- Quem és tu, tão pequenino, que vem me desafiar?”



Disponível em: <https://universohq.com/noticias/a-batalha-de-oliveiros-com-ferrabras-cordel-classico-em-quadrinhos/>. Acesso em: 20 set. 2024.

Figura 5 – Oliveiros recusa o Bálamo, beija a cruz da espada e roga à Virgem Maria proteção



Disponível em <https://amz.onl/2Q7HeRQ>. Acesso em: 20 set. 2024.

Figura 6 – Ferrabrás toma o Bálamo para curar-se do golpe matador de Oliveiros



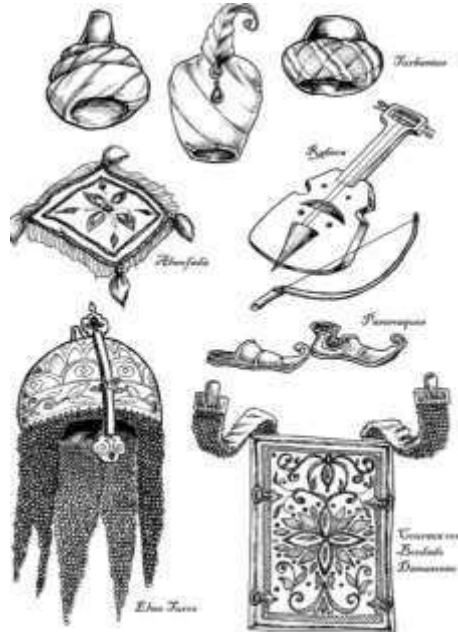
Disponível em <https://amz.onl/2Q7HeRQ>. Acesso em: 20 set. 2024.

Figura 11 – Besta (séc. XII), Espada Escocesa, Cimitarra (séc. XIV), Aljava (porta-flechas), Armadura de Cavaleiro Cristão e Armadura de Cavaleiro Sarraceno



Disponível em <https://amz.onl/2Q7HeRQ>. Acesso em: 20 set. 2024.

Figura 12 – Objetos turcos: Turbantes, Almofada, Rabeca, Elmo Turco, Pasamaques e Couraça com Bordado Damasceno



Disponível em: <https://universohq.com/noticias/a-batalha-de-oliveiros-com-ferrabras-cordel-classico-em-quadrinhos/>. Acesso em: 20 set. 2024.

Em 2018, a Literatura de Cordel recebeu o título de Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro. O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) anunciou: “Poetas, declamadores, editores, ilustradores, desenhistas, artistas plásticos, xilogravadores, e

folheteiros, como são conhecidos os vendedores de livros, já podem comemorar, pois agora a Literatura de Cordel é Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro”. Por ser ofício e meio de sobrevivência de muitos brasileiros, o referido gênero literário é difundido em todo território nacional.

De fato, o cordel traz consigo a capacidade de humanizar por seus conteúdos e sua forma, o que atrai a atenção do leitor/ouvinte, uma vez que enriquece sua percepção e visão do mundo. Nas obras analisadas, a literatura novamente cumpriu sua função de formar indivíduos, pois segundo Antonio Candido (2011, p.182), “[...] A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.”.

Sob essa perspectiva, tanto Oliveiros como Galaaz traduziram os valores e as virtudes desejados por muitos. Os personagens, à sua maneira e no contexto específico, espelharam os anseios de cada sociedade que cria, no consciente/inconsciente do indivíduo, [...] suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com os seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação deles. (Candido, 2011, p.177). Nesse viés, é muito oportuno destacar a dinamicidade dos aspectos sociais que permite a releitura do mundo que nos cerca, a desnaturalização das convenções tácitas e o surgimento de nuances daquilo que se tinha por único, suficiente, coerente.

Na contemporaneidade, o cordel se remoldou sem contrariar sua essência, pois na identidade conquistada, ainda, ocorrem tensões internas entre a aceitação e a recusa de novos parâmetros, novas construções e concepções. Há de se entender que performances “fora da caixa” devem existir para ressignificar a Literatura de Cordel como realidade inventada, dado produzido e não como realidade em si, dado coletado, como outrora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura de cordel trouxe consigo marcas do imaginário coletivo e como consequência desenhou-se um contorno identitário do povo nordestino com o acolhimento de temáticas do medievo e de elementos do domínio extraordinário, observados nas narrativas do estudo. O retorno de valores e símbolos extraídos da épica europeia permitiu novos contextos imaginativos, que culminaram em adaptações geniais dos clássicos literários, como *A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás* (Barros, 1933), inspirada no clássico épico *História de Carlos Magno e os Doze Pares de França* (1863). Apesar do descrédito no âmbito da cultura nacional e da absorção plurivalente do processo de hibridação cultural do período colonial, o cordel sobreviveu e atravessou séculos por sua linguagem simples e popular, projetando crenças e costumes do viver comum.

Segundo Candido (2011, p.182), a literatura é um direito de todos e desenvolve no indivíduo uma parcela de humanidade, convocando-o à reflexão do mundo e dos seres que o cerca. Com a literatura de cordel não foi diferente. Os saberes locais e a tradição sertaneja ajudaram a construir a história nacional e regional, descrevendo, inicialmente, a realidade do entorno (dado coletado) e, a partir desse ponto, desenvolver a realidade inventada (dado produzido).

Sob essa perspectiva, Oliveiros, o herói popular do cordel analisado, corporificou o cangaceiro e o vaqueiro, arquétipos dos guerreiros medievais, símbolos do homem destemido do Sertão, local de fome, miséria e superação. Já Galaaz teve sua imagem construída para conter a agressividade e a ganância dos nobres; sua postura ilibada permitiu contemplar o Sagrado, como se fosse o troféu dos justos. E, mesmo sendo puro, ao contemplá-lo morreu. Pode-se depreender que a função messiânica da igreja estava acima de qualquer fato ou circunstância. Sua soberania, na terra dos viventes, era inquestionável e a propagação do cristianismo, alvo a ser atingido pela nova Era Cristã.

De fato, as obras em tela resgatam valores e virtudes que podem promover uma reação na contemporaneidade, pois considerar o pronunciamento do “Outro” e reconhecer seu espaço com possibilidades de ressignificar tradições e ditames sociais, é reconhecer que podem existir “Galaazes” e “Oliveiros” na invisibilidade, espalhados nos rincões do Brasil. Obviamente, em versões moldadas, ajustadas ao meio físico, social e econômico dos atuais dias.

O espelhamento desses personagens heroicos evidencia a necessidade da “busca” não do Santo Graal, mas do “Bálsamo” que revivifica e transforma o modo de ser e de viver de um

povo, o valente povo nordestino...Pluralidades que requerem novas experiências e que precisam ser repensadas e reproduzidas, pois somos responsáveis pela transformação do presente, haja vista a interação com o mundo nessa temporalidade de difícil captura.

REFERÊNCIAS

A DEMANDA do Santo Graal: manuscrito do século XIII. Texto sob os cuidados de Heitor Megale. São Paulo : T.A. Queiroz : EDUSP, 1988.

A HISTÓRIA do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França: Traduzida do Castelhana em Português por Jerônimo Moreira de Carvalho. Lisboa, Portugal: Tipografia Rolandiana, 1863. Disponível em:
<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=90530>. Acesso em: 20 ago. 2024.

AUGUSTO, K. P.C. M. O Cordel na Contemporaneidade: A Perseverança de um Símbolo de Identidade Nordestina numa Sociedade de Multimeios. **Textos Escolhidos De Cultura E Arte Populares**, v. 10, n. 1, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/tecap.2013.10059>. Acesso em 12 set. 2024.

BARROS, Leandro Gomes de. **A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás**. Extraídas do livro de Carlos Magno. Texto revisto e classificado por Hélio Cavenaghi. São Paulo: Editora Luzeiro Limitada, 1933. Disponível em:
https://bibliotecadigital.jcyl.es/es/catalogo_imagenes/grupo.do?path=10069668. Acesso em: 12 ago. 2024.

BARROS, Maria Nazareth Alvim de. **As Deusas, as Bruxas e a Igreja: Séculos de Perseguição**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2001.

BÍBLIA Online. ACF – Almeida Corrigida Fiel, [s.d.] Disponível em:
<https://www.bibliaonline.com.br/>. Acesso em: 8 set. 2024.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. **Vários escritos**. 5.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011. p.182.

CASCUDO, L. da C. **Cinco livros do povo**: introdução ao estudo da novelística no Brasil. Rio de Janeiro: José Olímpio Editora, 1953.

CURRAN, Mark. **História do Brasil em cordel**. 2ª edição. São Paulo: EDUSP/Imprensa Oficial, 2001.

FERREIRA NETO, José Olímpio; SILVA, Maria Rosani; OLIVEIRA, Murilo Augusto Volpi de. A literatura de cordel e sua continuidade como patrimônio. **Blog Opinião [IBDCult]**, Instituto Brasileiro de Direitos Culturais, 10 maio 2023. Disponível em:
<https://www.ibdcult.org/post/a-literatura-de-cordel-e-sua-continuidade-como-patrim%C3%B4nio>. Acesso em: 17 set. 2024.

FERREIRA, Jerusa Pires. **Cavalaria em cordel**: o passo das águas mortas. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1993.

FERRETTI, Regina Michelli. **Viagem em Demanda do Santo Graal**: o sonho de heroísmo e de amor. Dissertação de Mestrado em Literatura Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

GUSMAN, Sidney. A batalha de Oliveiros com Ferrabrás: cordel clássico em quadrinhos. **UHQ**, 30 jun. 2011. Disponível em: <https://universohq.com/noticias/a-batalha-de-oliveiros-com-ferrabras-cordel-classico-em->. Acesso em: 20 set. 2024.

MICHELLI, Regina. Demanda e Peregrinação: buscas e (des)encontros, viagens e travessias na configuração do ser. **Letras em Revista**, Teresina, v.4, n.2, jan./-jun. 2013, p.10-29.

Disponível em:

[https://ojs.uespi.br/index.php/ler/issue/download/5/DEMANDA%20E%20PEREGRINA%C3%87%C3%83O%3A%20BUSCAS%20E%20\(DESENCONTROS%2C%20VIAGENS%20E%20TRAVESSIAS%20NA%20CONFIGURA%C3%87%C3%83O%20DE%20SER](https://ojs.uespi.br/index.php/ler/issue/download/5/DEMANDA%20E%20PEREGRINA%C3%87%C3%83O%3A%20BUSCAS%20E%20(DESENCONTROS%2C%20VIAGENS%20E%20TRAVESSIAS%20NA%20CONFIGURA%C3%87%C3%83O%20DE%20SER). Acesso em: 22 ago. 2024.

DURANDAL. **Mitologia**, [s.d.]. Disponível em: <https://mitologia.hi7.co/durandal-57ac3666d132e.html>. Acesso em 08 set. 2024.

MONTESQUIEU. **Do espírito das leis**. Tradução de Gabriela de Andrada Dias Barbosa. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

NOGUEIRA, Carlos. **Literatura de Cordel Portuguesa: história, teoria e interpretação**. 3ª edição, aumentada. Lisboa: Apenas Livros, 2006.

PEREIRA, Marcos Paulo Torres. A cristalização do imaginário medieval na literatura de cordel. **Nau Literária: crítica e teoria de literaturas**, v.10. n.2, jul.-dez. 2014, p.188-207. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1981-4526.50080>. Acesso em: 01 ago. 2024.

PEREIRA, Rita de Cássia Mendes. Artur, Galaaz e os cavaleiros do Graal: modelos monárquicos de soberania em Portugal nos séculos XII e XIII. **Revista Brathair – Revista de Estudos Celtas e Germânicos**, v.7, n.2, 2007, p.50-79. Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/view/524>. Acesso em: 20 set. 2024.

PINTO, Maria Isaura Rodrigues. Literatura de Cordel do Brasil e de Portugal: elementos articuladores de cumplicidades e conflitos. In: XV CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOGIA, v. XV, n.5, t.2, 2011, Rio de Janeiro. **Cadernos do CNLF**. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_2/166.pdf. Acesso em 06 ago. 2024.

PYLE, Howard. **Rei Arthur e os Cavaleiros da Távola Redonda**. Ed. comentada e ilustrada. Apresentação e notas por Lênia Márcia Mongelli. Tradução por Vivien Kogut Lessa de Sá. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

RAMON LLULL (1232-1316). **O Livro da Ordem de Cavalaria (c. 1274-1276)**. Tradução de Ricardo da Costa. Revisão de Rui Vieira da Cunha (IHGB), 1998-2024. Disponível em: <https://www.ricardocosta.com/traducoes/textos/o-livro-da-ordem-de-cavalaria>. Acesso em: 19 ago. 2024.

SCHENKEL, Luciana. **A Demanda do Santo Graal e seus Entrecruzamentos**. Dissertação de Pós-Graduação em Letras-Literatura Comparada. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/16229/000695090.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2024.

SIQUEIRA, Ana Marcia Alves. Configuração do Mal na Demanda do Santo Graal. In: MONGELLI, Lênia Marcia de M. (Org.). **De cavaleiros e cavalarias**. Por terras de Europa e Americas. 1ed. São Paulo: Humanitas, 2012. v. 1, p. 87-100. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/19028/1/2012_capliv_amasiqueira.pdf. Acesso em: 1º. ago. 2024.

TOKARNIA, Mariana. Literatura de Cordel é reconhecida como Patrimônio Cultural do Brasil. **Agência Brasil Geral**, EBC – Empresa Brasil de Comunicação, Brasília, 19 set. 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-09/literatura-de-cordel-e-reconhecida-como-patrimonio-cultural-do-brasil>. Acesso em: 13 set. 2024.

VIANA, Klévisson. **A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás**. Klévisson Viana e Eduardo Azevedo; adaptação da obra de Leandro Gomes de Barros. São Paulo: Volta e meia, 2012. quadrinhos/. Acesso em 12 set. 2024.

WANDERLEY, N. de A. A matéria carolínea no sertão: a cavalaria em rimas e versos nordestinos. **Boitatá**, v.9, n.17, p.246-267, jan.-jul. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.5433/boitata.2014v9.e31664>. Acesso em: 12 ago. 2024.

ZIERER, A. M. S. Virtudes e Vícios dos Cavaleiros n' *A Demanda do Santo Graal*. In: MONGELLI, Lênia Marcia de M. (Org.). **De cavaleiros e cavalarias**. Por terras de Europa e Americas. 1ed. São Paulo: Humanitas, 2012, v. 1. p.37-47. Disponível em: <http://editora.fflch.usp.br/sites/editora.fflch.usp.br/files/37-47.pdf> . Acesso em 01 ago. 2024.

ZIERER, Adriana. **Da Ilha dos Bem-Aventurados à Busca do Santo Graal**. Uma outra viagem pela Idade Média. São Luís: Editora UEMA, 2013.

ZIERER, Adriana. Literatura e História n' *A Demanda do Santo Graal: o rei, o cavaleiro e a mulher*. In: ZIERER, Adriana; FEITOSA, Márcia. (Org.). **Literatura e História Antiga e Medieval**: diálogos interdisciplinares. 1.ed. São Luís: EdUFMA, 2011. p.13-44.